CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

43 FEVEREIRO 2015

www.candido.bpp.pr.gov.br

Allan Sieber

Entrevista com **Adriana Griner**, vencedora (categoria Conto) do Prêmio Paraná de Literatura 2014

Quando o DESENHO conduz a palavra

Adaptações de obras literárias e *graphic novels* conquistam leitores e se firmam no mercado editorial

Dois Poemas | Mário Bortolotto • Conto | Tailor Diniz • Cliques em Curitiba | Theo Marques

EDITORIAL

No início, literariamente falando, era o verbo. E, por muito tempo, literatura se fez com palavras, enredo, personagens, linguagem, mas sobretudo por meio de palavras. Com o tempo, ilustrações passaram a acompanhar e a dialogar com os textos literários. Mais recentemente, obras de ficção começaram a ser adaptadas para o formato de histórias em quadrinhos e, inclusive, surgem, ininterruptamente, romances gráficos, concebidos em grande parte dos casos por escritores em parceria com desenhistas.

A edição 43 do **Cândido** trata desse tema, uma tendência do mercado editorial. A reportagem de Jones Rossi recupera o percurso do romance gráfico, inclusive mostra que o termo, *graphic novel*, foi utilizado pela primeira vez na década de 1960. A força desse gênero pode ser medida, entre outros exemplos, pelo fato de a máscara do personagem V, da obra *V de Vingança*, escrita por Alan Moore e ilustrada por David Lloyd, ter se transformado em símbolo do grupo de hackers Anonymous e utilizada nas manifestações de junho de 2013 no Brasil.

Das experiências internacionais, incluindo nomes como Will Eisner, Frank Miller, Marjane Satrapi, Robert Kirkman, entre outros, às realizações brasileiras, a *graphic novel* mostra que veio para ficar. No Brasil, duas obras recentes merecem destaque: *Cachalote*, parceria do desenhista Rafael Coutinho e do escritor Daniel Galera, e *Guia de ruas sem saída*, do escritor Joca Reiners Terron e do desenhista curitibano André Ducci.

Cândido convidou quatro desenhistas para recriarem ou adaptarem livremente obras literárias. DW Ribatski reinventou *Trapo*, romance de Cristovão Tezza. "A causa secreta", conto de Machado de Assis, recebeu a intervenção de José Aguiar. Arnaldo Branco recriou em traços *Zero*, romance de Ignácio de Loyola Brandão. E o conto "Uma vela para Dario", de Dalton Trevisan, foi desenhado por Fabiano Vianna.

A edição ainda apresenta 18 sugestões de leituras, sejam adaptações literárias e também obras concebidas diretamente como *graphic novels*.

Boa leitura!

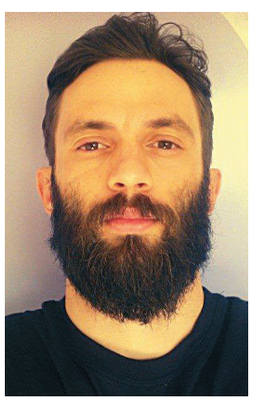
CARTUM

BENETT

BIBLIOTECA AFETIVA

Envolto em um brilho ficcional o livro *Robert Smithson: The Collected Writings*, editado por Jack Flam, parte do mundo, da terra em específico, onde a poesia está na geologia das coisas. A obra transita pela fineza da grafia dos textos, até a rudeza dos cristais, passando por inúmeros caminhos. A experiência do livro pode ser uma ferramenta de atuação, um índice de linguagem, um intervir, experimentar, observar/escutar. Sugere uma reeducação visual que aponta para a percepção de singularidades.

Fran Ferreira é artista visual, *performer* e poeta. A sua mais recente exposição, "Caminhos entre territórios", esteve em cartaz no SESC Paço da Liberdade, em Curitiba, de outubro a novembro de 2014. Vive em Curitiba (PR).



Em algum momento de nossas vidas, estaremos perdidos numa selva escura, qual um Dante à espera de Virgílio. Atribua a esta selva o evento ou o ambiente ou a realidade que quiser. A morte de uma pessoa amada, o fim de um casamento, o temporário insucesso profissional, um recalcitrante trauma ou outras tristezas são exemplos dessas selvas escuras. Para transpor estas paisagens, existem livros apropriados? Não sei, a indicação pode variar de acordo com o credo e com a filosofia de cada um. Eu indicaria *O demônio do meio-dia*, de Andrew Solomon. Ele foi o meu Virgílio na travessia do Inferno.

Guilherme Pontes Coelho é professor e colunista dos sites Digestivo Cultural e MMA Brasil. Mora em Brasília.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da **Biblioteca Pública do Paraná**

Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:

Lucas de Lavor e Thiago Lavado

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Colaboradores desta edição: Allan Sieber, Adriana Griner, Armando Freitas Filho, Arnaldo Branco, Benett, DW Ribatski, Fabiano Vianna. José Aguiar, Jones Rossi, Lalan Bessoni, Mário Bortolotto, Theo Marques e Theo Szczepanski.

Contato:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901| Curitiba – PR

Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h

Sábado: 8h30 às 13h Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

Mar traduzido em fotos

Em cartaz até 27 de fevereiro, a exposição *Marés*, de Kristiane Foltran, dá início à programação de exposições na Biblioteca Pública do Paraná em 2015. *Marés*, que tem o apoio da Galeria Portfolio, reúne 11 fotografias produzidas durante 1 ano, em diversas situações de luz e estações do ano, selecionadas pelo curador Nilo Biazzetto Neto. A mostra nasceu da conexão de momentos vivenciados pela fotógrafa na Ilha do Mel, em dezembro de 2011, e incorporou conceitos elaborados durante uma viagem ao Chile, em maio de 2012. "O Pacífico me fez pensar em Neruda, que dizia querer inventar o mar de cada dia em seus poemas", afirma Kristiane. As fotografias de cenários marítimos, tema da mostra, são — de acordo com a fotógrafa — ponto de partida para o público refletir e questionar. Formada em Design Gráfico pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná do Paraná (PUCPR), a fotógrafa realizou exposições individuais e coletivas, entre as quais *IN_VERSOS* (2012), *Domínio* (2013) e *Gueixas de Outono* (2013).

Oficina de Poesia

Parceria entre a Academia Paranaense de Poesia e a Biblioteca Pública do Paraná, a Oficina Permanente de Poesia, que acontece às quintas-feiras, sempre a partir das 18h na BPP, volta a ter encontros em março. A programação completa estará disponível no site da BPP (www.bpp.pr.gov.br) a partir deste mês. A Oficina tem entrada franca.

Notas da Província

Museu Oscar Niemeyer leva exposição "Poty, de todos nós" para São Paulo

Até 1º de março, os paulistanos têm a oportunidade de ver a mostra *Poty, de todos nós*. Viabilizada pelo Museu Oscar Niemeyer, a exposição está em cartaz na Caixa Cultural São Paulo (Praça da Sé, 111) e narra o percurso do ilustrador, gravador e muralista Poty Lazzarotto. Com a curadoria da equipe técnica do MON, são cerca de 100 obras da vasta produção do artista. A entrada é franca.

Apenas um

Cristovão Tezza é o único escritor paranaense entre os 48 autores que representarão o Brasil no Salão do do Livro de Paris. Na 35ª edição do evento, entre 20 e 23 de março, o Brasil será o país homenageado e contará com espaço de 500 metros quadrados destinados à venda, exposição de livros e palestras com autores. Em 2009, Tezza teve seu best-seller *O filho eterno* publicado na França, traduzido por Sébastien Roy.

Cena HQ

Em março tem início a nova temporada do Cena HQ, nos palcos desde 2012. Em sua quarta edição, o projeto é uma parceria entre a companhia teatral Vigor Mortis e a Quadrinhofilia, contando com o patrocínio da Caixa Cultural. Com a participação do quadrinista José Aguiar e do encenador Paulo Biscaia Filho, o Cena HQ faz leituras dramáticas de HQs, realizando o encontro do quadrinho e das artes cênicas. Ao fim de cada espetáculo, há um debate com o público e o autor da HQ encenada. O projeto foi vencedor do prêmio HQMix do ano passado, na categoria "Produção para Outras Linguagens". Em 2015, serão mais dez obras encendas. A primeira apresentação deste ano acontece no dia 4, com a presença do artista inglês David Lloyd, de *V de Vingança*. O espetáculo acontece no teatro da Caixa Cultural (R. Conselheiro Laurindo, 280, centro de Curitiba), às 20h. A entrada é franca. Mais informações no site do projeto: quadrinhofilia.com.br/projetos/cenahq.

ENTREVISTA | ADRIANA GRINER

Ousadia de estreante

Prêmio Paraná de Literatura
romance . conto . poesia

Em seu primeiro livro, Adriana Griner recria histórias do *Antigo Testamento* para falar sobre temas como a condição da mulher na sociedade. *no início*, coletânea que traz 13 histórias curtas, foi o vencedor na categoria Contos do Prêmio Paraná de Literatura 2014

Kraw Penas

Vencedor da categoria Contos do Prêmio Paraná de Literatura 2014, *no início* é um livro ousado, tanto na forma quanto no conteúdo. Escrito ao longo de quatro anos, a coletânea traz contos que recriam, com uma linguagem bastante peculiar, relatos bíblicos. É a estreia de Adriana Griner na literatura. Segundo ela, *no início* nasceu de uma releitura do *Gênesis*, o que originou inicialmente dois poemas, mais tarde transformados em prosa. "Mas ambos os poemas estavam super colados no *Antigo Testamento*, eram mais a expressão da surpresa que eu tive ao reler essas histórias, como uma mulher adulta, do que propriamente uma recriação", diz a autora, que voltou ao Brasil depois de um longo período em Israel.

Carioca, nascida em 1962, Adriana diz que a estreia relativamente tarde na literatura foi benéfica para ela como escritora. "Tive tempo de madurar minha escrita, de pensar o que realmente valia a pena trazer a público. Quando resolvi publicar *no início*, tinha mais certeza do que estava fazendo". Essa segurança é corroborada pela também escritora e jurada do Prêmio Paraná Cíntia Moscovich, para quem o livro traz "um belo trabalho de linguagem, em estilo contemporâneo, mas fiel e próximo ao texto original". A seguir, confira o bate-papo com Adriana Griner.

***no início* marca sua estreia na literatura, mas certamente não foi o primeiro trabalho literário que você produziu. Fale um pouco sobre seu percurso como escritora antes do Prêmio Paraná.**

Eu sei que não é muito comum pessoas chegarem à minha idade sem publicar. Quem publica ao longo de sua vida o que escreve vai amadurecendo enquanto escritora, vai se acostumando com a crítica, incorporando uma forma de escrever de seu tempo e crescendo com ele. Como nunca publiquei, não cresci assim. Mas posso olhar de outra forma: tive tempo de madurar minha escrita, de pensar o que realmente valia a pena trazer a público. Quando resolvi publicar *no início*, tinha mais certeza do que estava fazendo. Assim como tenho certeza de um livro de poemas que ainda quero publicar. Quanto ao resto... que bom que existem latas de lixo e a tecla delete...Talvez também o fato de eu ter me mudado para outro país, e ter me tornado semi-analfabeta aos 30 anos tenha influenciado no meu silêncio enquanto escritora. Quando você não é capaz de ler um livro do começo ao fim, e vê que ainda assim é possível viver, você começa a repensar uma série de coisas.

Na orelha de *no início*, a escritora e jurada Cíntia Moscovich destaca, entre outras qualidades da obra, a ousadia de reescrever "o livro dos livros". Você teve algum receio de recriar um texto tão fundamental? Que tipo de cuidado tomou durante as etapas de pesquisa e produção do material?

Bem, eu ainda não sei se fui ousada ou muito pretensiosa. Na verdade, quando comecei a escrever não era ainda um livro de contos. Eu estava relendo o *Gênesis*, que não relia desde a adolescência, e escrevi primeiro "sarai" como um poema, e depois "as filhas de lot". Mas ambos os poemas estavam super colados no *Antigo Testamento*, eram mais a expressão da surpresa que eu tive ao reler essas histórias, como uma mulher adulta, do que propriamente uma recriação. Era mais um produto de uma imensa tristeza, de um choque. Eu tinha ficado muito impressionada com todas essas mulheres que eram apenas paisagem ou objeto de suas histórias, que não tinham voz. Daí eu tinha de reescrever, não é? Enquanto fui escrevendo, tive o cuidado de cotejar sempre as traduções em português e inglês com o original. Pesquisei também um pouco sobre a fauna e a flora da época do Talmud. E sobre construções. Mas não muito mais que isso. Porque eu não estou recontando a *Bíblia,* eu estou recriando. Ou seja, quem quiser ler o *Gênesis* precisa ir lá e ler o original. O que eu estou fazendo é outra coisa. Algumas histórias estão bem ligadas ao texto original, mas a perspectiva é outra, eu estou narrando a história de Sarai, de Dinah, das filhas de Lot. O que me importa é o que elas sentiram, como elas viram suas próprias histórias, como elas sofreram seu destino. Em outros contos, o *Gênesis* foi só a base para criar histórias imaginárias, como em "a mulher de shem" ou "babel". Mas eu acho que fui escrevendo simplesmente, como quem escreve qualquer outra história, sem muita noção de que o que eu estava fazendo era algo tão pretensioso. Talvez se não fosse essa minha inocência, não teria escrito o livro.

Quanto tempo levou entre ter a ideia inicial até a conclusão da obra? Houve intervalos? Escrevia todos os dias? Mostrou para algum interlocutor?

Acho que levou entre três e quatro anos, desde a ideia inicial até a conclusão da obra. Ou cinco anos, não tenho certeza. Eu não escrevo todo dia. Acho que nem escrevo todo mês. Eu sempre trabalhei muitas horas no dia, então o tempo de escrever sempre foi o tempo que sobrava do trabalho. Tive férias de um de meus trabalhos em dois janeiros, e nesses janeiros o livro caminhou bastante. E então no ano passado eu fiquei desempregada e quando consegui um trabalho eram só poucas horas semanais, e foi assim que o livro acabou de ser escrito. Só mandei para um círculo de amigos bem próximos, pessoas de quem eu nada tinha a temer. É claro que sei que isso não dá a dimensão do livro, e os elogios que recebia eu considerava como elogios de amigos. Não tinha muita noção se o livro era bom ou não.

Apesar de conter histórias independentes, *no início* tem uma unidade marcante. Você chegou a pensar em organizar o livro como um romance? Por que a opção pelos contos?

Não pensei em fazer um romance, não. Como eu disse, começou como poemas. Mas eu acho que o *Gênesis* pede uma estrutura de contos. Mesmo sendo histórias que se superpõem, que retomam certos temas. Talvez uma estrutura de *Mil e Uma Noites* tivesse a ver com ele. Mas cada uma das personagens do meu livro merece sua história, seu espaço. Acho que em um romance perderia esse espaço que eu dei a cada uma delas. Eu cheguei até a pensar em uma edição do livro em que cada conto teria uma folha de rosto, com o nome da personagem. Dizendo claramente: eu tenho direito a este título.

Quais são as suas influências literárias em geral e, especificamente, neste livro? Inspirou-se em alguma obra semelhante?

Eu não acho que tenha sido uma inspiração direta, mas Saramago já fez isso antes, não? É claro que não chego aos pés dele, mas não fui a primeira nem a última a reescrever a *Bíblia*. Como influências, tem as óbvias, como Clarice Lispector e Virginia Woolf. Outras menos, como Kafka e o Italo Calvino das *Cidades invisíveis*. E os que escreveram o *Antigo Testamento*. No livro, aqui e ali tem umas homenagens, como a Guimarães Rosa e a Clarice. E tem as influências mais transversais ainda, como Pessoa, Bandeira e Mario Quintana, as que me fazem como pessoa. Ou que eu gostaria que me tivessem feito. E a linguagem do livro tem a ver com o primeiro capítulo de *Mimesis,* do Auerbach. Ah, e "babel" foi originalmente um poema escrito a partir de *Ecolalias*, do Daniel Heller-Roazen.

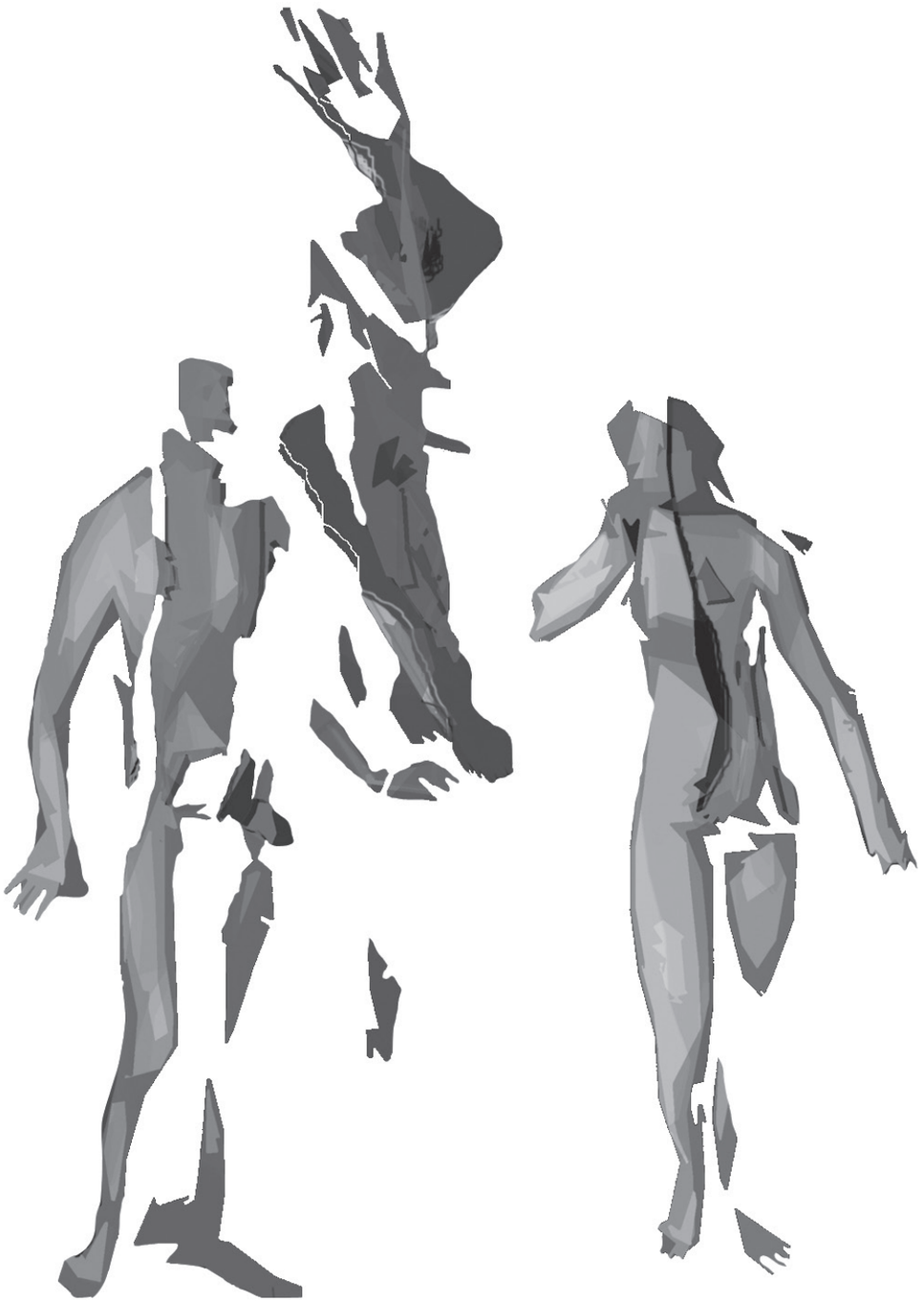
Quais são as suas expectativas após vencer o Prêmio Paraná? Gostaria de passar a fazer parte do chamado "circuito da literatura"? Já tem planos literários para 2015?

Alguém me falou, por estes dias, que preciso ter coragem de falar dos meus sonhos. Então aí vai: que leiam meu livro, que gostem, que falem dele pelas esquinas, que um dia alguém acorde e pense: aquela história me fez pensar, ou um outro alguém diga sem pejo: aquela história me fez chorar, aquela história me doeu, aquela história me fez feliz. E como estou no terreno dos sonhos e dos delírios, que eu escreva muitas outras histórias, que eu possa viver do que escrevo, que escrever não seja apenas um tempo roubado. Bem, quanto ao "circuito da literatura", acho que aí já é cair muito no real e sair do terreno das expectativas e dos sonhos. O mesmo vale para planos literários em 2015. ■

PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA | CONTO

Leia a história "babel", de Adriana Griner, vencedora do Prêmio Paraná de Literatura na categoria Contos com o livro *no início*

Prêmio Paraná de Literatura
romance . conto . poesia



I

Babel acabara de ver a torre ruir. Não tinha sido como um terremoto que de um zás come a terra, as tendas, as casas, as gentes. Ou um raio que destrói uma árvore, em que a luz traz em si o seu oposto.

Tinha sido quase como um ato de amor, o nível mais alto caindo devagarinho, esfarelando-se como um bolo mal ligado, e levando consigo mais uma pedra, e outra, e outra, até sobrar apenas poeira para todos os lados. Alguém poderia dizer que a torre chegava aos céus, pois lá estava ela envolta em nuvens de pó que não se distinguiam das pesadas nuvens de chuva que vinham logo acima. Pelo chão, à volta da torre, pedras em cacos pareciam construir caminhos para o topo encoberto da torre, e de longe parecia uma imensa montanha escarpada.

Não tardou muito e a chuva começou a cair. Uma chuva forte que durou dias e limpou o horizonte. E as pessoas puderam por fim ver babel destruída. Nem toda a torre jazia por terra. Uma parte dela ainda se encontrava ali, apontando o céu, mas apenas os dois primeiros níveis tinham sobrevivido parcialmente.

Mas tudo se deu antes de se poder ver em que a torre tinha se transformado. Babel olhara pela janela e vira a torre se desfazendo. E por um instante esquecera da vida e ficara a mirar o pó e a destruição, e a não entender o mundo diante de si. Mas a voz que veio do quarto a trouxe de volta, e ela correu a colocar mais lenha no fogo, e a esquentar a água, e a acudir seu filho e perguntar: "Quer leite? Pão?", e seu filho só a olhou com olhos transparentes e lhe respondeu: "Na? Taledachkvach, ama!", e ela achou graça de seu filho a inventar uma língua, e dos sons guturais e raspados que ele fazia, e foi a trazer um chá e um pão para ele, que ele devia estar a brincar e a dizer do jeito que só crianças podem inventar que o leite não lhe satisfaria hoje... e correu a contar a graça de seu filho a seu homem, que ainda dormitava, mesmo com todo o barulho que a torre fizera, mesmo com tudo, e pensou que devia mesmo de acordá-lo, a torre caíra, a torre se esfarelara, sim, tinha de acordá-lo e contar, e mexeu e remexeu, e tentou levantá-lo e tudo que ele disse foi "Denshaideshnain" e ela ainda sorriu e achou graça também, então seus homens estavam tirando o dia para se rir dela, então o sacudiu ainda mais e falou "A torre, a torre se caiu, você tem de acordar e vê-la!", mas seu homem acordou e só a olhou com olhos espantados e pareceu tentar falar algo com ela, mas tudo que ouviu foi "Otshaanaseshanain" e ela se riu e achou ainda mais graça. Eles deviam de ter combinado na véspera a brincadeira, era bem deles inventar um jeito assim de se rir dela, inventar uma lín-

gua que ela não entendesse e não percebesse, iam todos rir muito depois, e ela se foi a cuidar do chá de seu homem e ver se seu menino já comera e já estava pronto para acompanhar o pai na lida.

Mas não era uma brincadeira. Quando os dois por fim se sentaram para comer, o chiado do vento nas tamareiras não entendia o som rascante do rio cortando a pedra, e eles eram surdos um para o outro, e o menino se pôs a chorar, e o pai puxou do menino para si, inentendendo o que se passava, mas certo que algo se passava. E sem palavras, os três se foram para a rua, falando para os ventos, e ouvindo vozes cortantes, sibilantes, guturais, chiadas, até encontrarem alguém que falasse a mesma língua de um deles, e descobrir que era o que se passava em cada casa, em cada rua, em cada tenda, em cada jardim.

E com os dias se passando, começaram a ver que as pessoas iam se juntando, as que falavam a língua chiada acabavam por encontrar outra que falava sua língua, e iam e se juntavam na mesma casa, e os que encontravam os sons que puxavam da garganta encontravam outros que também forçavam suas gargantas, e foram se fazendo grupos e os grupos foram se acomodando nas mesmas casas, e alguns resolviam que iriam embora assim mesmo, que melhor era encontrar um lugar em que todos se entendessem, e não fossem ao mercado e pedissem farinha e recebessem uma galinha, ou quisessem comprar uma manta e saíssem com um tapete. E os bandos foram se fazendo, e pais abandonavam filhos, e netos abandonavam avós, e muitos se iam, e a cidade foi ficando abandonada, só ficando famílias como a sua, famílias que se recusavam a se separar e a se deixar, que a língua não iria desfazer do amor que os juntava, as línguas, na verdade, que cada um tinha a sua, cada um falava de um jeito até que por fim quase abandonaram as palavras na casa, e se falavam por gestos, assovios e risos, e por vezes lágrimas também, mas não seria a língua que os deixaria longe um do outro.

E pela cidade era possível sempre encontrar pessoas que ainda falassem a sua língua, que não se perdesse de todo, e foi assim que ela encontrou o mendigo que morava na sombra do velho templo, e a quem ela sempre apenas deixava a sobra da janta do dia anterior, mas que agora se tornara o seu único amigo, e ele contava da vida grandiosa que tivera, e de como sua mulher o abandonara e fora embora com um viajante, e como levara seus filhos e ele não tivera mais gosto para a vida, e como a vida era esperar a esmola deixada e olhar as gentes que passavam. E ela escutava, a delícia de entender a mesma história contada dia após dia, o sorver das palavras conhecidas, ela já quase decorando que palavra viria depois, e voltar para casa plena de troca e felicidade, ela que tinha alguém na cidade fantasma, ela que podia falar e ouvir por fim.

Ela ainda pensou talvez em sair a procurar pessoas com quem falar, ela que ficara com sua língua, ela que se saísse da cidade com certeza encontraria outras pessoas de sua língua, mais facilmente que qualquer um, mas não se era babel à toa, com certeza devia de ter uma razão para ter ela esse nome, ela e a cidade unidas desde sempre. E não lhe parecia certo abandonar a pequena horta nos fundos da casa, as videiras que cresciam pelas varandas e muros, o campo a se prolongar por trás da casa até o horizonte e as cabras a pastar e os cachorros a correr e a latir. Eles que pareciam agora se entender melhor do que os homens, quem sabe a língua deles não tinha sido misturada, e então ela danava a pensar o que tinha sido aquilo, quem tinha feito a mágica, quem tinha sido o deus que perdera seu tempo a misturar as línguas, e ele devia de ter perdido muito tempo, sim, inventar tantas línguas devia de tomar muito tempo, muito esforço, e para que tanta lida para fazer as pessoas se desentenderem, para que tanto trabalho para ver pai e filho não perceberem o que o outro falava, avó e neto não saberem o que o outro queria, e as gentes a se desconhecerem e a não poder trocar e trabalhar e festar. Havia de ser um deus muito mau ou perdido, para gastar seu vigor numa empreitada assim desarrazoada, e foi só quando o seu amigo, o mendigo do templo, veio lhe dizer que tinha sido o deus do templo, que tivera raiva dos homens querendo chegar no céu, que não queria homens chegando no lugar dele, que ela atinou ainda mais na falta de sentido, e perguntou para o mendigo se ele imaginava a razão naquilo tudo, e o mendigo falou que com certeza era um castigo para os homens, porque o céu não era lugar aonde se pudesse chegar, e então a misturada de línguas era um castigo divino, e ela ainda perguntou para ele: “Mas que castigo é esse que ninguém sabe que é um castigo? Que ninguém sabe que tem um deus e que esse deus está castigando? Que ninguém pode nem saber desse castigo porque cada um fala uma outra língua, e está mais é preocupado com retomar a vida, e cultivar sua terra, e cuidar de seu filho, ou do filho de outro que fala sua língua, e da mulher de outro que também fala sua língua, e em plantar e trocar e comer e viver?”. E o mendigo seu amigo também não tinha respostas, ele também só tendo a ela para falar, e ela lhe perguntou por que não ia procurar outras pessoas que falassem sua língua, já que ele não tinha um homem e um filho que nem ela, e ele lhe disse

que a vida não mudara para ele, antes ele estava ali diante do templo e ninguém falava com ele, ela lhe trazia o de comer, mas não conversava com ele, e ninguém mais também falava com ele, agora ele tinha uma amiga e com quem falar, aquela praga de deus tinha mais é deixado sua vida igual, mas um pouco melhor, não? E ela não teve como não concordar, a vida não era tão diferente assim para ele, e ela também pensou que para ela também não, porque aos poucos eles iam construindo uma língua nova na casa deles, e quando o filho falava "mata" e apontava a uva, eles guardavam a palavra e a iam usando, e quando ela trazia o chá e oferecia "Chá?", também eles guardavam a palavra, e pouco a pouco uma língua feita de remendos foi se fazendo na sua casa, e eles se entendiam pelas palavras já comuns ou as inventadas, pelos gestos e pelas novas palavras que a cada dia um deles ia incorporando.

E isso foi acontecendo também com as pessoas da cidade. As pessoas iam seguindo suas vidas, era preciso semear o trigo e a cevada, era preciso colher a uva e as tâmaras, era preciso fazer o pão e preparar o vinho. As pessoas iam seguindo em suas tarefas diárias, e por vezes era preciso trocar algo que sobrara da colheita, e as pessoas levavamseus produtos ao mercado e tentavam se entender de alguma forma, balbuciavam sons que não eram compreendidos, e ainda assim conseguiam trocar sua cesta por um saco de vinho, trocar a roupa cerzida com carinho por um naco de carne, e então riam-se da forma do outro chamar o pão e os figos, e alguns iam repetindo as palavras engraçadas do outro, e vez por outra uma palavra aparecia da junção das palavras, ou alguém adotava a palavra do outro, ou ainda inventavam outra palavra a designar algo velho. Ou novo. Ou igual.

II

Poucas pessoas se dignavam a ir até a torre. Que já não era bem uma torre, era mais uma base espalhada pelo chão, mas ainda restara dois níveis na torre, e o buraco que se fizera fazia lembrar um vulcão. As crianças foram as primeiras a se aventurar a subir na torre, e brincar no grande buraco a se esconder entre os entulhos e a voltar e tentar contar aos pais o que haviam visto. Os pais sacudiam a cabeça, por demais ocupados em refazer suas vidas, e pouco entendendo o que cada filho falava, mas aos poucos a curiosidade os fez também subir pelos lados da torre e chegar ao baixo topo e olhar à volta e ver os destroços. Alguns ainda tentavam explicar uns aos outros o que viam e sentiam, mas a língua comum ainda era pouca para conseguirem se entender. Voltavam aos afazeres diários e seguiam a vida de plantar, colher, cozinhar, beber, comer.

Alguns ainda faziam suas abluções e rezavam ao seu deus. Mas mesmo deus perdia importância naquele mundo de tantas línguas, e era um ato solitário que muitos iam largando, mais preocupados com a sobrevivência diária. Também havia aqueles que desconfiavam que deus era responsável pela destruição da torre e pelo confundir das línguas, e perdiam a paciência com aquele deus pequenininho que devia de ter destruído a torre por pura inveja. Mas esses eram poucos. A maior parte simplesmente ignorava deus e a torre e o tumulto de línguas que se seguira à destruição.

E a vida foi seguindo. As pessoas conviviam mais, e uma nova língua se foi fazendo ali, uma língua comum a todos que ficaram. As pessoas viram o fogo e a chuva, e o trovão e o campo dourado, e passaram a adorar o deus do fogo e da chuva, o deus do campo e da casa, e novos rituais foram se construindo, e novos templos foram erigidos. Apareceram pela cidade outros povos que ora saqueavam, ora vinham comprar, ora apenas bebiam da água e do vinho, comiam do pão e do queijo. Era preciso defender a cidade, e alguns começaram a construir novos muros e se prontificaram a proteger a cidade.

Alguns estrangeiros ainda perguntavam o que era aquela construção abandonada. Os que lembravam contavam da torre, os que não se lembravam inventavam novas histórias. Nem os estrangeiros entendiam o que eles falavam, nem eles se preocupavam muito com isso. As novas histórias sobre a torre se tornavam lendas, e nascidas novas gerações já ninguém lembrava quem tinha construído a torre, quem tinha morrido em sua destruição, nem como nem por que a torre tinha se desfeito. As crianças continuavam a brincar na torre, as pessoas se entendiam em sua nova língua, e os pais ensinavam aos filhos como fazer o vinho, e tosquiar as ovelhas, e costurar a roupa. Mas já não falavam da torre e assim sua história morreu.

As pessoas vinham a babel e gostavam da gente de lá, e outros povos iam se incorporando à cidade e a chamavam por outros nomes, até o nome babel ser esquecido. E a torre já era chamada de velho ginásio, e lá as crianças brincavam e corriam e perdiam-se e riam-se.

III

Babel estava velha. Seu homem já tinha morrido de há muito, seu filho em uma tempestade não voltara com as trocas pela colheita que levara a negociar. Ela vivia com seus netos e bisne-

tos e tataranetos, a casa grande cheia de crianças a correr e a comer e a balbuciar. Ela se ria dos balbucios dos pequenos, as tentativas que lhe lembravam os começos da língua comum, quando os sons raspantes de seu filho lhe pareciam riscos no ar, quando os chiados de seu homem lhe pareciam as folhas de outono, e seu amigo era o único a não balbuciar, o único a falar coisa com coisa, a fazer sentido em seus ouvidos e a lembrar que as línguas tinham sido um castigo, tinham sido a raiva de um deus invejoso, invejoso dos homens a subir aos céus, invejoso dos homens que trabalhavam juntos e se riam e bebiam e comiam e festavam e se amavam. Sim, devia de ser um deus muito só, desses que não sabem que são sós, que vivem sozinhos por tantos anos que já se esqueceram que não precisa ser assim, que acham que apenas sozinhos podem continuar a viver e a criar e a existir. Desses que não sabem que estar só é a pior maldição, e acabam se comprazendo na solidão como quem festeja, como quem acha que o outro impede, o outro fecha os caminhos, quando é exatamente o oposto.

Ah, e que saudade de seu amigo. Ela se acostumara com a língua comum, a língua que trazia de tudo um pouco, o chiado, o rascante, o quebrado, as diferentes ordens, as palavras se encavalando, as palavras soltas e as palavras fechadas. Mas faltava-lhe poder falar do sol que se punha a cada dia, das gentes, das cores, ela a cada dia que passava se via faltando a palavra exata, aquela que diria exatamente da lua que nascia redonda na montanha, ou da dor profunda que só ela sabia, porque só a sua palavra perdida a podia dizer, ou montar a frase como um rio escorrendo pelas pedras, e não quebrado, e não pulado, e não claro, e não elegante, não, o rio nas suas palavras, e que era o rio como devia de ser, o rio que corria diante de seus olhos levando as tristezas e as mágoas e as saudades tão grandes.

Fazia-lhe falta conversar com seu amigo, o mendigo da porta do templo, e que sabia por que tudo ocorrera, e pensar que ninguém senão eles sabia que deus tinha feito aquilo, o deus que se julgava único, o deus que se achava só. E que era só. Porque só um deus que é só podia fazer aquilo. Só, sozinho.

E agora ela subia a torre. Ela, que nunca mais pusera os pés na torre. Ela, que só olhara de sua janela a torre ruir, ela que era babel não só no nome, ela que sabia que aquela torre não queria chegar a deus algum, aquela torre era apenas as gentes juntas e misturadas e tantas e fortes colocando pedra sobre pedra sobre pedra, elas que eram o construir, o estar próximas, o estar unidas pelo fazer, pelo colocar mais uma e mais uma e mais uma. Ela subia ao que restava da torre, com cuidado, como quem sabe que cada pedra em que pisa é uma armadilha, ela que estava tão velha que nem mais contavam os anos, mas suas pernas ainda eram fortes e ainda andavam. Sim, havia coisas que não funcionavam nela, mas não suas pernas. E não sua cabeça. Ela ainda pensava, e quando pensava era na antiga língua de babel, ela que mantivera a língua, ela que em sonhos conversava com seu amigo para não perder a língua. Ela que se soubesse os mistérios da escrita teria escrito esta história. Mas ela não sabia, e então era em sua memória que se guardava a torre e a queda e o mais. Babel.

E ela subia, e era com esforço mas certeza, e mais um degrau, e mais uma pedra, e mais. E já o céu se descortinava inteiro, apenas mais uns degraus, e por dentro do segundo nível ela viu a pequena torre. E por lá ela subiu e lá estava ele, sentado em uma pequena mureta que se mantinha no alto. Olhando. E se lamentando.

Eles me esqueceram, eles se esqueceram da torre, eles têm uma nova língua comum. Eles vivem outra vida, eles de nada se lembram. Eles plantam e colhem e trocam. Eles casam, e têm seus filhos e seus filhos têm filhos e netos e bisnetos. Ninguém se lembra de babel, ninguém se lembra da torre, ninguém se lembra de mim, ninguém se lembra do que fiz, ninguém se lembra por que fiz, ninguém. E babel concordou: "E não há mais torres para destruir. Ninguém mais querendo chegar aos céus". ■

Adriana Griner nasceu em 1962, no Rio de Janeiro (RJ), onde mora atualmente – depois de temporadas em Brasília (DF), Campinas (SP) e Israel. Formada em letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), já foi bancária e hoje atua como professora do Instituto Tecnológico ORT, escola sem fins lucrativos de origem judaica. *no início* marca sua estreia na literatura.

POEMAS | ARMANDO FREITAS FILHO

PARA CRISTINA, LEITORA DE PROUST

Proust mal lido, ou de ouvido
por fim me chega certo, pinçado
por sua leitura detida, em francês
num piscar de olhos mais rápida
quando trazido por quem conhece
para o sabor da nossa língua
o esmero daquele que descreveu
a cada folha, todas as suas nervuras
na frase serpentina que percorre
sem abrir mão de nenhum volteio
os sete volumes do tempo perdido
mas constantemente lembrado, pois
te atravessam, e, através de você
na sua tradução, que se superpõe
às outras, se transfere até a mim.

MARCEL E CLARICE

para Carlos Mendes de Sousa

À mesa o tempo não passa.
O lustre paralisado sonha
com a luz de outra época
que vai abrindo o leque
rápido e retrospectivo
a partir da xícara de chá
e do gosto da *madeleine*
mergulhada naquela infusão
da Índia ou de tília, da memória
trazendo toda a recordação até
ao licor de anis, de fruição fugidia
apoiada num instante isolado
e calmo — claro — estabelecido
no calor do álcool, na evaporação
da cor, no gole que combinava
as sensações de pertencimento
e perda, no sabor espraiado
de uma manhã à outra, ambas
vencidas, pretéritas, mas vivas
ao saírem das noites passadas.

ROSA E LISPECTOR

Desabrocharam no mesmo tempo.
Algo em comum na peripécia
da aparência, das vestimentas
bem cortadas, mas na essência
se encontravam sem aparatos
embora escrevessem distantes
diferentes: ele para a literatura
ela para ele, para você, para qualquer.
Partiam da mesma base, ambos
sensitivos, místicos, misteriosos magos.
Se reuniram no medo, na morte:
prevista, calculada, aos poucos.

A PARTIR DE KAFKA

para Modesto Carone

A metamorfose é a noite
e não à noite.
Não sabemos como vamos chegar
amanhã, à manhã.
Por onde fomos ou fomos levados:
tresnoitados ou dormidos.
No escuro ou em claro
para a ratoeira do gato
ou para o gato engatilhado
esperando o corredor
se acabar no fim das paredes paralelas
que no infinito se juntam
desembocando no beco, inevitável
desatinado e destinado.

NA PEDRA REPETENTE DO POEMA

O inominável inseto de Kafka.
A barata esmagada de Clarice.
No mar de rosas, a gilete escondida
no sabonete do filme de Ana Carolina.
Tudo tão no íntimo assim, insistente
formam o refrão aflitivo
retido dentro do pensamento.
Nunca mais deixa de tocar:
obsessivo obstáculo, moto-perpétuo
inesquecível metamorfose.

Armando Freitas Filho estreou na literatura com o livro *Palavra*, de 1963. Em 2003, teve seus 13 livros de poesia reunidos no volume *Máquina de escrever – Poesia reunida e revista*. Nos anos mais recentes, publicou os inéditos *Raro mar* (2006), *Lar* (2009) e *Dever* (2013). Prepara outro livro para 2016, ainda sem título. Os poemas inéditos publicados pelo **Cândido** podem fazer parte dessa nova coletânea. A obra de Armando Freitas Filho já recebeu os prêmios, entre eles o Jabuti e o Prêmio Portugal Telecom de Literatura. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

CLIQUES EM CURITIBA | THEO MARQUES

cidade de curitiba

Theo Marques é repórter fotográfico em Curitiba desde 2008, com passagens pela *Gazeta do Povo, Diário Popular, Jornal do Estado* e Agência Estadual de Notícias. Atua hoje como fotógrafo correspondente dos jornais *Folha de Londrina e Folha de S.Paulo*. Segundo o fotógrafo, a série publicada aqui, trata-se de "uma reflexão sobre a paradoxal solidão que sentimos no transporte coletivo".

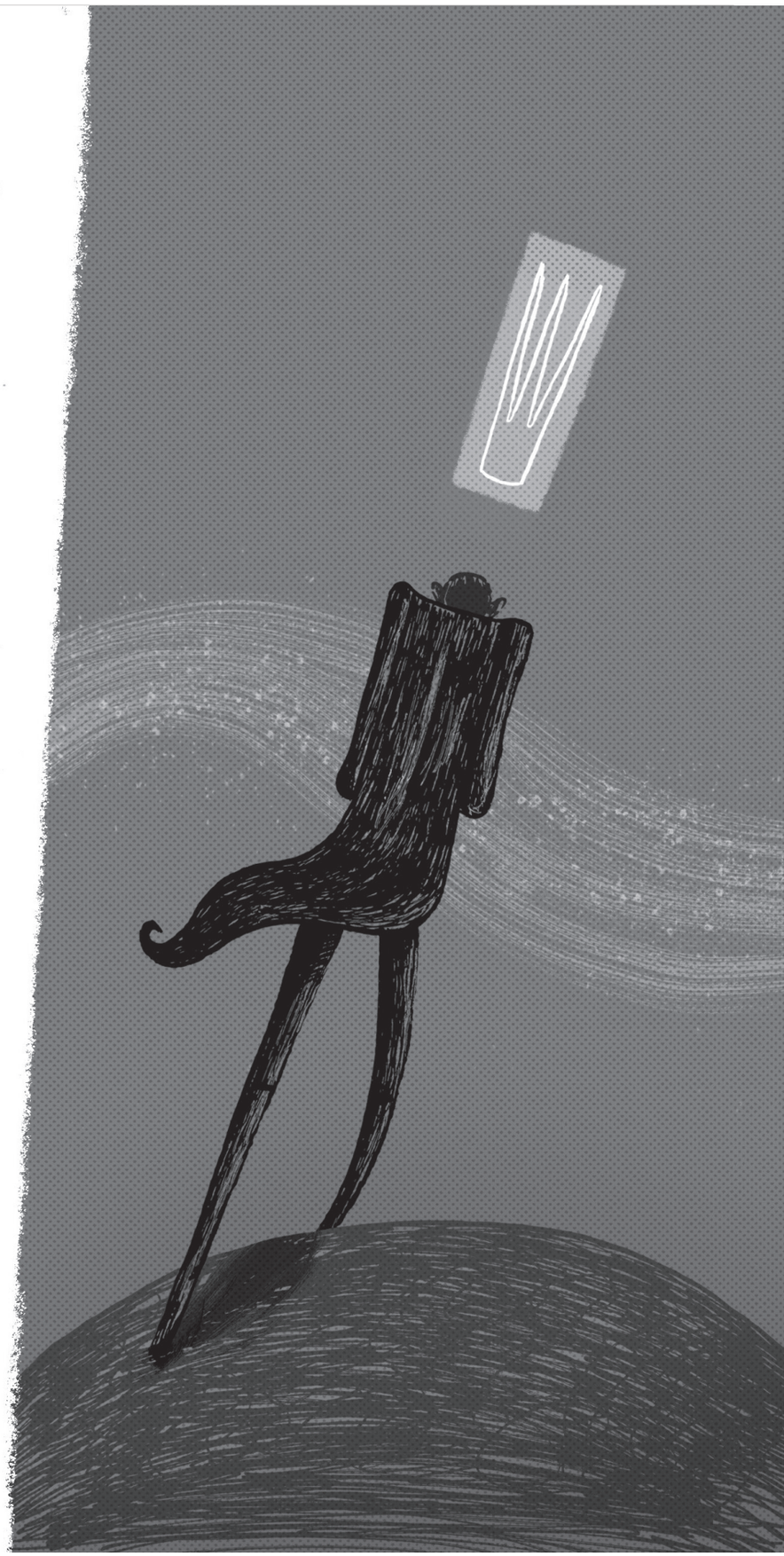
DOIS POEMAS DE **MÁRIO BORTOLOTTO**

HOMEM PARADO NO MEIO DA ESTRADA

Naquelas faixas centrais. Um incêndio que ficou pra trás. Como aquelas mesas giratórias de restaurantes que nunca saem do lugar. A verdade é que você pode em um dia ser uma espécie de "rei do mundo" ou qualquer bobagem do tipo, pode beber do melhor whisky e comer uma atriz pornô. Tanto faz. No dia seguinte você pode estar frágil e dependendo de alguém que te tire do incêndio, que coce suas costas e te consiga um cobertor numa noite fria. A fragilidade te encontra quando você menos espera e você se sente desprotegido e sozinho. Ninguém é o mesmo depois de levar três tiros no peito. Não há como bancar o fodão tempo integral. Nós apenas respiramos antes da próxima porrada que vai nos jogar no meio do asfalto. São os momentos de dor que forjam um homem. A porra dos momentos felizes são apenas paliativos para o pior que há de vir. Para toda brutalidade que há de vir. E aí você sabe que na verdade nada mesmo tem muita importância: acordos de amizade, batismos de sangue, pedidos de casamento. Ou você não sabe que no final é você solitário olhando pra um teto de um hospital ou de uma cova rasa? Tem um tempo na vida de um homem que ele deixa de acreditar. É simplesmente assim. Você acorda de manhã ainda com aquele hálito de whisky capaz de embaçar o espelho do banheiro, olha pra sua imagem maltratada e simplesmente murmura conformado: "Idiota. Pobre idiota". Porque é o medo que controla nossas atitudes. Vivemos com medo o tempo todo. Você pode achar que é mesmo o "rei do mundo", beber apenas cerveja importada e se gabar que comeu a última capa da Playboy. No final, você vai ser apenas um sujeito se cagando de medo, no fundo de um beco escuro ou numa cobertura com oito brutamontes muito bem pagos na sua porta. Você escapa de Alcatraz, mas não escapa do medo no seu coração. Ou você não sabe que é o medo que faz você agir de maneira despropositada?

No final de tudo você ainda vai ouvir aquele gospel tocando na sua cabeça e você vai ser babaca e pretensioso o suficiente pra imaginar que apesar de tudo você é o "rei do mundo", porque você abastece o seu nariz com a droga mais pura e é casado com a garota mais doce. Porque vou te dizer: Não é a saudade que faz você ficar olhando fotos antigas. É o medo que te coloca na beira do abismo. É o medo que faz os seus olhos se encherem de indesejadas lágrimas. É esse piano triste que tá tocando na sua cabeça nesse momento.

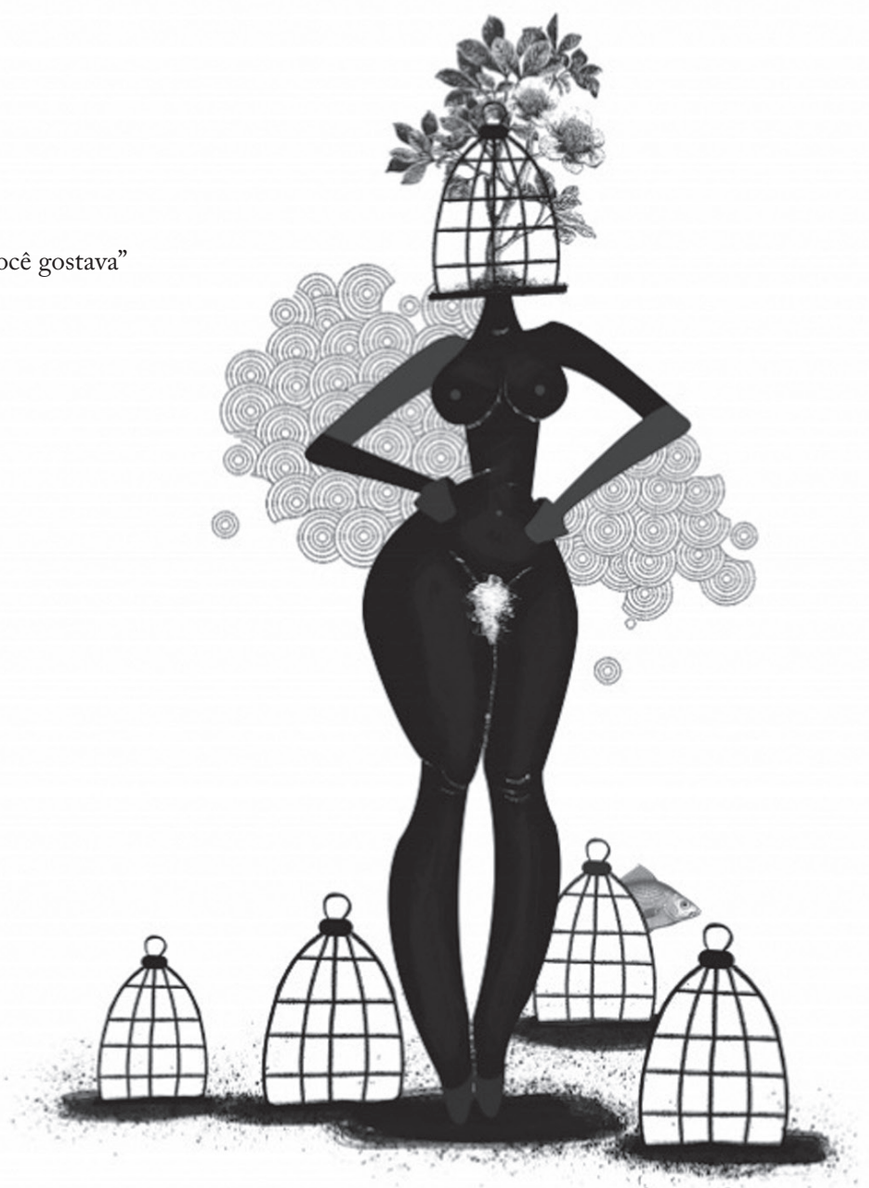
Um homem parado no meio da estrada sem saber pra onde ir está sempre um passo à frente. Porque ele sabe que no momento em que decidir, ninguém poderá pará-lo.



CHUVA DE PEIXES

ilustrações: **Lalan Bessoni**

"Eu só não me acostumo com sua ausência"
Eu disse pra ela com meio pedaço de pizza na boca
Ela se lambuzava de bolo de chocolate e pareceu não entender
"Eu me acostumo com os dias claros, com restaurantes japoneses e até com a ideia de que o bar que eu frequento não tem Heineken"
Ela pareceu entender menos ainda
Então fiz pra ela um desenho de um rio muito límpido
com um gato se debatendo pra não morrer afogado
"É assim que você se sente?", ela perguntou
"Não desenho bem como você", foi o que eu disse à ela
que me beijou de um jeito doce enquanto abria as pernas devagar
Bill "Bojangles" Robinson era o seu salto alto batendo na mesa
fazendo uma percussão maluca para o Lynyrd que tava tocando
Então eu pensei "é tarde demais pra eu voltar atrás"
"você reparou que eu cortei o meu cabelo chanell? Li em algum texto seu que você gostava"
"ficou bonito", falei pra ela
e me senti culpado por sentir vontade de rir naquele momento
não tinha nada a ver com o que ela falou
é que eu lembrei de uma besteira que uma cartomante me disse
algo relacionado à garotas de cabelos chanell
Quando eu tava na pia do banheiro
eu a vi pelo espelho, parada na porta, nua
e então ela falou:
"Agora eu sei por que você só vai à praia em dias de chuva"
Eu fui embora e quando parei pra admirar o luminoso da luck strike
fiquei pensando que as pessoas não conhecem as outras de fato



Mário Bortolotto nasceu em Londrina (PR). É escritor, ator e vocalista das bandas Saco de Ratos, Tempo Instável e Roberto Embriagado. Além de vários livros de textos de teatro, contos e romances, publicou dois livros de poemas: *Para os inocentes que ficaram em casa* e *Um bom lugar pra morrer*. Os dois poemas publicados nesta edição do **Cândido** fazem parte do próximo livro de poemas de Bortolotto, que deve ser lançado ainda em 2015. Vive em São Paulo (SP).

MEMÓRIA | **REPORTAGEM**

Mais de um século de revistas de cultura

O Paraná é um Estado marcado pela indústria gráfica e teve uma vasta produção cultural na virada do século XIX para o XX, legando diversos periódicos para a história

Imagens: Reprodução

Paraná — Brazil

O SAPO

Semanario litterario e humoristico

REDACTORES : DIVERSOS

ANNO I | Redacção Rua 15 de Novembro, 43 | CURITYBA, 6 DE MARÇO DE 1898 | Assignaturas Mensal..... 1$000 PAGAMENTO ADIANTADO | Nr. 1

Meus caros confrades

Curityba, 3'e Março de 1898.

outras condições de meio, o levaria a realisar, a perfeição será de uma relatividade lastimavel; mas desse tumulto de ambições irregulares e incompletas nasce todavia alguma cousa, que ha-de gravar em bronze a passagem pela terra de um ser excepcional.

Zola disse algures, em um dos seus livros de combate, que á litteratura deve um moço lançar-se como quem se atira a um rio para aprender a nadar. Si em Pariz, onde os mais requinta-

fé, como eu creio, que altas montanhas tendes a remover que não as removereis? Com que exercitos formidaveis ireis lutar que não os possais vencer, a fio de espirito, a golpes de audacia, com esse ar a um tempo quixotesco e adoravel, que tão bem vai aos cavalleiros da pluma branca do Ideal?

A vida litteraria é cruel, meus confrades. Ah! mas que ouro da terra póde pagar a ventura de

Primeira edição de *O Sapo*, revista cultural e humorística que veio para comemorar o quarto centenário da descoberta do Brasil.

THIAGO LAVADO

A Biblioteca Pública do Paraná, por meio do Núcleo de Edições da Secretária de Cultura, reeditou em 2014 o fac-similar de um importante jornal de cultura do Paraná, o *Nicolau,* que circulou entre 1987 e 1996, dirigido durante a maior parte de sua existência por Wilson Bueno. O trabalho para escanear as 1828 páginas das 60 edições levou mais de dois anos e resultou, além da versão impressa, em uma opção digital disponível para acesso gratuito no site da BPP.

Além do *Nicolau*, outro marco no que diz respeito a suplementos culturais paranaenses é a revista *Joaquim*, editada entre 1946 e 1948 por Dalton Trevisan. No entanto, a história da imprensa cultural no Estado é anterior a esses dois títulos. Desde o pioneirismo da *Galeria Ilustrada*, em 1888, o Estado mantém produção constante em termos de revistas de cultura. Destaque para nomes como *A Arte* (1895), revista da Escola de Desenho e Pintura, e *O Sapo* (1898), revista que comemorava o quarto centenário do descobrimento do Brasil, um semanário literário e humorístico.

A chefe da Divisão de Documentação Paranaense da BPP, Josefina Palazzo Ayres, cita alguns dos principais periódicos do período pré-*Joaquim,* como a *Ilustração Paranaense*, revista simbolista que circulou entre 1927 e 1928 e que tratava de assuntos gerais, direcionados à cultura e a exaltação do Paranismo, movimento que enaltecia as questões ligadas a terra e valorizava a cultura paranaense — a ilustração da capa, marcante, foi feita por João Turin, considerado o precursor da escultura no Estado.

> “*Joaquim* promoveu uma ruptura com esse grupo. Foi o ‘pé-na-cova’ da literatura paranaense da época.”
>
> **José Carlos Fernandes**, cronista e jornalista.

> “*Ilustração Paranaense, Olho da Rua,* Itiberê, Cenáculo são as revistas mais conhecidas. Mas várias outras foram produzidas neste período [início do século XX], principalmente de cunho literário.”
>
> **Josefina Palazzo Ayres**, chefe da Divisão de Documentação Paranaense da BPP.

Outro nome destacado pela chefe da Divisão de Documentação Paranaense da BPP é da revista *Itiberê*, de Paranaguá, propriedade do Clube Literário e que tratava de notícias e literatura. “*Ilustração Paranaense, Olho da Rua, Itiberê, Cenáculo* são as revistas mais conhecidas. Mas várias outras foram produzidas neste período [início do século XX], principalmente de cunho literário”, afirma Josefina.

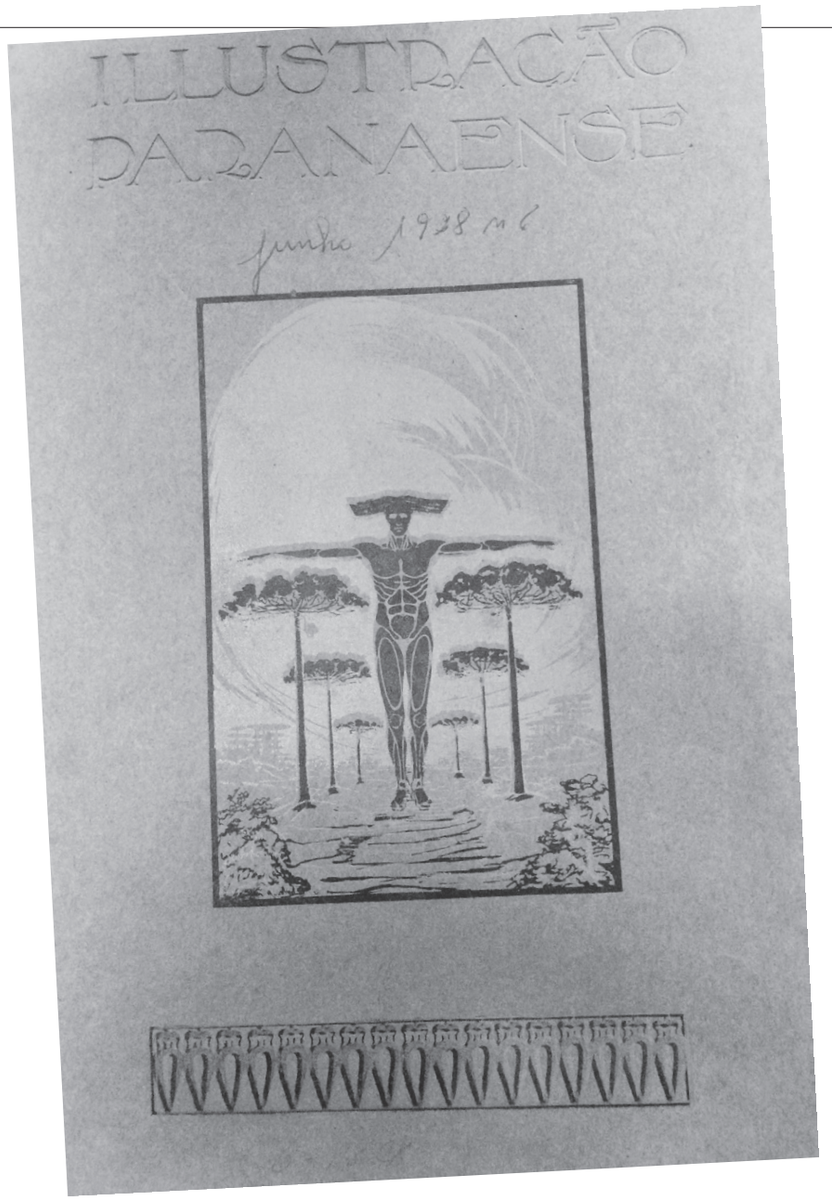
Pé-na-cova

De acordo com José Carlos Fernandes, jornalista da *Gazeta do Povo* e professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), algumas dessas revistas [do final do século XIX e início do século XX] tinham uma tradição simbolista muito grande — movimento que, no Estado, fez escola. “A literatura no Paraná é muito marcada pelo simbolismo. Foi um movimento que teve indústria gráfica forte e relevância financeira.”

Nomes como *Palium* e C*enáculo*, editadas pelos irmãos Júlio e Emiliano Perneta, este conhecido como o “príncipe da poesia paranaense”, marcaram o início deste estilo. Mais tarde, a onda simbolista seria rompida pela revista *Joaquim*, editada pelo escritor Dalton Trevisan. “*Joaquim* promoveu uma ruptura com esse grupo. Foi o ‘pé-na-cova’ da literatura paranaense da época”, opina Fernandes.

O Instituto Neo-Pitagórico, referência em termos de simbolismo, detinha uma vasta biblioteca de periódicos antigos. Um incêndio na sede do instituto prejudicou parte do acervo, que, apesar disso, ainda hoje conta com muitos exemplares. Algumas revistas de cultura do início do século XX também foram editadas no Instituto, como *Myrto e Acacia*.

Hoje, alguns exemplares de todas as revistas mencionadas neste texto ainda podem ser encontrados, para consulta local, na BPP e também no site da Fundação Biblioteca Nacional, que está digitalizando jornais e revistas de todo o Brasil. Segundo a Divisão de Documentação Paranaense, muitas dessas revistas estão no acervo, em seus respectivos originais, outras podem ser consultadas via microfilmagem. ■



Capa da *Ilustração Paranaense,* desenhada por João Turim. A revista, fundada por J. B. Groff, era um “mensário paranista de artes e atualidades” e tinha uma ligação muito forte com o movimento simbolista do Estado.

CONTO | **TAILOR DINIZ**

O VIGIA DO ARMAZÉM

Primeiro foram os helicópteros que apareceram no meio da tarde. Eram três, em forma de triângulo, um verde, um azul e outro vermelho. Passaram voando baixo, rumo aos velhos silos da cooperativa. O barulho era de um avião comum. Por isso, durante a primeira passagem, não chamaram muito a atenção. Mas depois, quando contornaram a cidade e retornaram, de frente para o sol, rutilantes, bojudos, aqueles que estavam no pátio das casas ou nas ruas correram para vê-los cruzar o céu, em velocidade muita baixa, quase parando. Logo saíram também as pessoas de dentro das casas. Os helicópteros pareciam brinquedões imensos, erguidos para o alto sabe-se lá por quê força medonha da natureza.

Minha mãe, que sovava pão na cozinha, havia ganhado de Natal um Long Play do Elymar Santos e repetia à exaustão o trecho de uma de suas músicas. E eu brincava de cavar poços d'água no fundo do pátio com uma faca de mesa. Os helicópteros ainda passaram uma terceira vez, depois sumiram no horizonte, deixando para trás um cheiro de óleo queimado e uma vontade imensa de que voltassem outras vezes para nos dar a alegria de vê-los voar, como se fossem os nossos brinquedos de Natal a ganharem vida.

Minha mãe me preparou cedo para dormir e voltou a assar os pães no forno de barro e tijolos de uma peça contígua, ao lado da casa. Não sei por quanto tempo me bati de um lado a outro na cama, sem encontrar o sono.

Todos os anos, no verão, nossos vizinhos programavam uma festa na beira do rio próximo à cidade, num passo onde se podia pescar e tomar banho. Cada mulher entrava com um tipo de comida, minha mãe ia levar o pão, os homens dividiam a bebida, o Tonhão Catita, que tinha um caminhão de frete, se encarregava do transporte e da gasolina.

Assim que, naquela noite de calor intenso, solitário num canto do quarto eu procurava o sono perdido entre a vontade de que o tempo passasse rápido, e logo pudesse me jogar no rio com os amigos, e a excitação causada pela passagem dos helicópteros, à tarde. E ainda havia a me martelar a cabeça o trecho da música do Elymar Santos que minha mãe, sem se aborrecer, cantara o dia inteiro: "Deus é maior, essa dor vai passar… vai se quiser, não vou insistir, já cansei de me rebaixar..."[1*]

Me debati na cama, sem sono, até não sei que horas da madrugada. Só me lembro que havia desistido de dormir e, olhos abertos, tentava medir o tamanho da escuridão e do silêncio do quarto, quando ouvi os tiros no outro lado da rua. Foram seis, vim a saber depois. Logo alguém começou a gritar, e os vizinhos correram para fora das casas. E o que era silêncio virou um murmúrio de vozes, um bulício contido, uma espécie de zumbido de abelhas pairando sobre o abafamento da madrugada.

Eu quis sair à rua, mas minha mãe me empurrou de volta para a cama. "Vai dormir que não foi nada", me disse ela, no meio da sala, sobreposta à transparência da noite, de costas para a janela entreaberta por onde entrava uma réstia azulada de luar. Me deitei outra vez, sentindo o peso do lençol na cabeça, do calor sufocante causado por dias e dias de sol contra a tinta ressecada das paredes de madeira. Foi quando ouvi, de muito perto da janela, alguém comentar que o Tonhão Catita havia matado o vigia do armazém.

Era o meu primeiro contato com a morte tão próxima. Eu conhecia o Tonhão Catita, um cara legal, brincalhão, de bem com o mundo, o dono do caminhão que nos levaria para o banho de rio na manhã seguinte. Conhecia também o vigia do armazém, onde eu, todos os dias, ia comprar alguma coisa para minha mãe. Sempre puxava conversa comigo, me chamava de baixinho pé-de-pano e também parecia um cara muito do bacana.

Eu pensava nos dois, em especial no vigia morto, quando percebi a porta sendo aberta aos poucos e alguém entrar, sem fazer barulho. Pri-

meiro imaginei tratar-se da minha mãe. Mas logo senti o cheiro, um cheiro desconhecido que não era o dela. Não me mexi, tinha medo de alguma coisa, não sabia bem de quê, talvez do Tonhão Catita, que tinha matado um homem, ou do vigia que agora estava morto e, portanto, podia já ter virado assombração, alma penada, mula sem cabeça, coisa doutro mundo.

Fechei os olhos e tranquei a respiração tanto quanto pude. Quando esvaziei os pulmões e voltei a enchê-los de ar, veio-me outra vez o cheiro. E conheci, então, uma excitação intensa, algo inusitado, coisa diferente daquela provocada pela expectativa de um banho de rio com os amigos na manhã seguinte. Diferente também daquela emoção da tarde, quando os helicópteros sobrevoaram a cidade como se fossem meus brinquedos de Natal ganhando força para voar.

Ouvi a sirene da polícia e alguém dizendo que o Tonhão Catita não era louco de ainda andar por ali depois de matar um homem. Com certeza, havia fugido para bem longe. Depois as coisas foram se acalmando, reabri os olhos e percebi, em meio ao escuro do quarto, um vulto a olhar pelos vãos da veneziana. E o cheiro preenchia todos os espaços do quarto, era uma mistura de suor, de perfume, de transpiração, talvez de saliva, de bocas, os únicos que eu conhecia. Talvez fosse também o cheiro do medo, de um medo que eu também sentia na pequenez imensa da minha cama transformada em chamas.

Cerrei os olhos e não sei quanto tempo se passou. A rua foi silenciando, fui sendo vencido pelas circunstâncias da noite e suas tragédias, e quase adormecia quando senti alguém ao meu lado, um corpo ainda trêmulo de pavor, quente como se tivesse febre, um corpo que era a fonte de todos os cheiros que inundavam o quarto desde sua chegada, um corpo que se aconchegou a mim como se eu, nos meus tenros anos de vida, fosse sua redenção naquela noite de sobressaltos e de tensões, na qual, sabia lá eu porque razão, o Tonhão Catita havia matado o vigia do armazém.

Quando entraram pelas frestas da janela os primeiros raios do dia, fui me virando aos poucos, sem fazer barulho, agora sabendo que na minha cama, encostada em mim, não dormia a alma penada do vigia. E vi, encolhida ao meu lado, os olhos negros bem abertos, em vigília, atentos e aflitos como os de um animal que acaba de escapar de um incêndio, o rosto da Maria Fernanda, a mulher do Tonhão Catita.

Ela era amiga de minha mãe, eles moravam na frente da nossa casa, e — imaginei — ficara com medo de que a polícia a prendesse junto com o marido. Afinal, ele havia matado o vigia do armazém, e isso não era pouco, era coisa grave, podia sobrar pra ela também. Ela me olhou e sorriu, um sorriso parecido com um carinho, um pedido de desculpas talvez, por estar ali, na minha cama, no meu quarto, perturbando meu sono, profanando a minha intimidade de criança.

Em seguida, no entanto, minha mãe apareceu e me puxou pela mão. Ainda olhei para trás e a vi deitada de lado, de costas para mim, as coxas extensas e lisas, os cabelos pretos caídos no travesseiro, o vestido de algodão mal escondendo as voltas e reentrâncias das nádegas muito brancas e salientes.

Minha mãe me fez escovar os dentes, lavar o rosto, e preparou o café. Antes de me sentar à mesa corri à janela da frente para ver se o caminhão já estava pronto para a viagem. Não havia ninguém na rua, nem o caminhão, nem nada.

Tomei café e corri à despensa pegar os caniços e os anzóis para a pescaria. Disse a minha mãe que podíamos ir carregando as coisas, eu já estava pronto. Ela me olhou, surpresa. Depois falou que não íamos mais ao rio. Tinha havido um pequeno problema, talvez no domingo seguinte a gente fosse. Em princípio não entendi a extensão da tragédia. Quando minha mãe, o rosto estranho, de quem não podia estar brincando, me disse uma segunda vez que não iríamos mais, ficaríamos em casa, me dei conta do abismo no qual o mundo mergulhava sem volta diante de mim. Desfazer a nossa pescaria, evento aguardado com ansiedade o ano inteiro, para o qual a gente se preparava como se fosse a parte mais importante das nossas vidas, era uma tragédia para doer demais, para sempre.

Corri ao portão da frente, queria conferir tudo, olhar a rua, ver se passava algum amigo. Meu pensamento ainda vagava em busca de motivos razoáveis para aquilo, quando minha mãe me puxou para dentro de casa. Disse que não era bom eu ficar ali. Eu queria pelo menos permanecer no pátio, mas nem isso ela permitiu. Minha esperança naquele momento de dor e vazio era que talvez os helicópteros passassem de novo, ou alguma força estranha da natureza, a mesma força que os fazia voar, alterasse as engrenagens do universo e acabasse com aquele deserto desumano no qual fora transformada a nossa rua, a nossa casa, o nosso pátio, num domingo ensolarado e quente, quando o certo era todos estarem embarcando no caminhão do Tonhão Catita para irmos pescar lambari e tomar banho de rio. Depois voltei ao quarto e espiei por um vão da porta. A mulher do Tonhão Catita continuava na minha cama, os olhos de pássaro, atenta a todos os ruídos que pudessem macular o perigoso silêncio de um domingo perdido para sempre. ■

Tailor Diniz é escritor e roteirista, autor de treze livros, entre eles *A superfície da sombra*, *Em linha reta* e *Crime na feira do livro*, este último traduzido para o alemão. Vive em Porto Alegre (RS).

Do verbo ao desenho

Literatura é, acima de tudo, palavra, verbo, mas, nos últimos anos, as *graphic novels*, ou romances gráficos, conquistam mercado e leitores provando que o desenho pode ser bem mais que ilustração em uma obra literária

JONES ROSSI

As *graphic novels*, ou romances gráficos, são uma espécie de história em quadrinhos em traje de gala. Diferenciam-se das séries comuns por apresentarem tramas mais profundas e arte mais elaborada, além de serem voltadas para o público adulto. Em sua maioria são comercializadas em livrarias, mas várias obras estão à venda em bancas. E, não faz muito tempo, viraram uma categoria à parte na classificação literária, como um reconhecimento de sua importância artística.

Claro que nada disso é uma regra. Para Alan Moore, autor de *Watchmen*, uma das *graphic novels* mais importantes de todos os tempos, o termo é puro marketing. "Para mim, significa 'história em quadrinhos cara pra c*******'", já disse o inglês. Neil Gaiman, outro autor respeitado, criador da série *Sandman*, também fez troça com o termo. "É como dizer a uma mulher que ela não é uma prostituta, e sim uma 'dama da noite'".

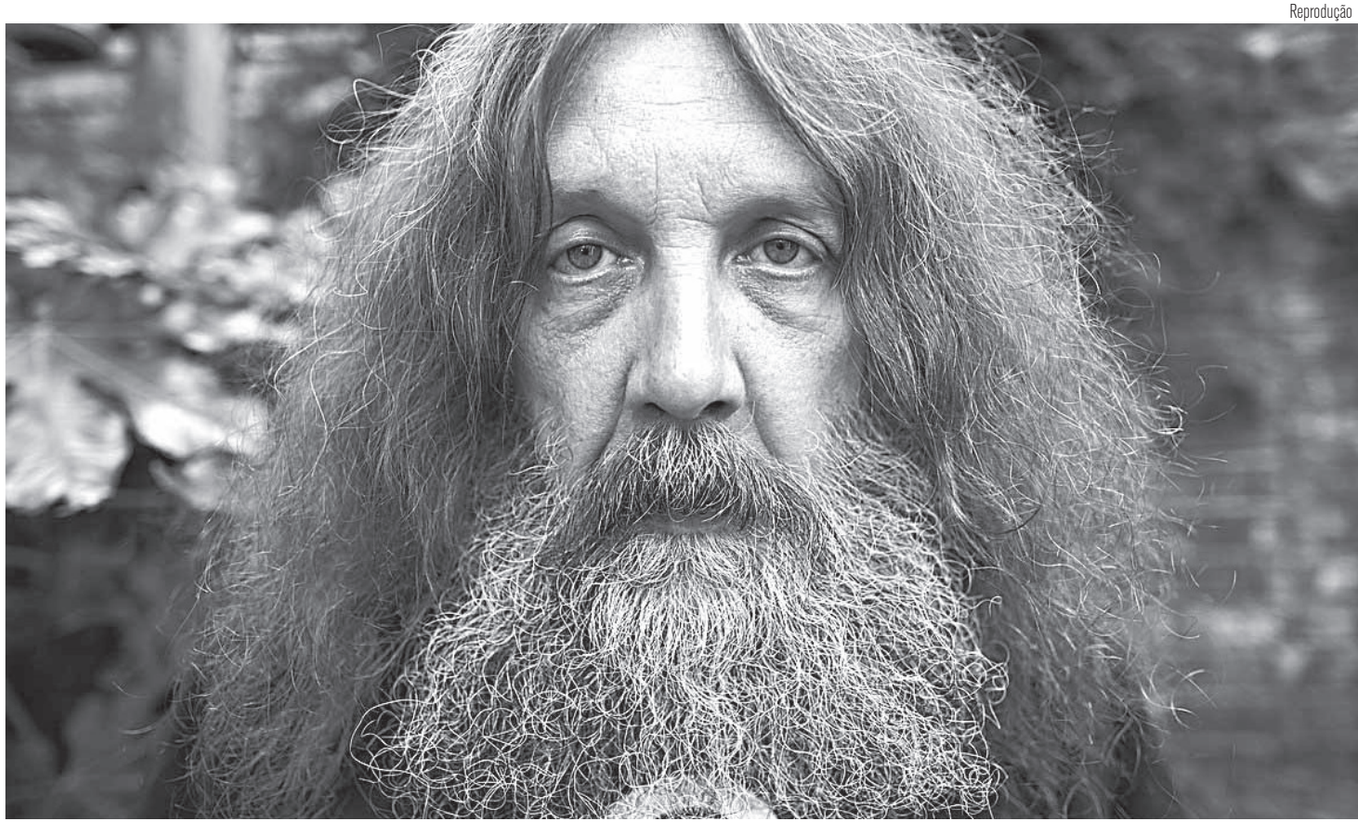
Mas, a despeito da pretensão inerente ao termo, as *graphic novels* alcançaram um patamar de qualidade de poucas vezes visto nos quadrinhos dito comuns. *Watchmen*, escrita por Moore e ilustrada por Dave Gibbons, entrou para a lista dos 100 maiores romances do século XX elaborada pela revista *Time*. *Maus*, de Art Spiegelman, que retratou os nazistas como gatos e os judeus como ratos, é uma das principais alegorias sobre os terrores do nazismo já publicada.

Com uma crescente base de fãs, foi questão de tempo para as *graphic novels* se tornarem cobiçadas por outros meios. Hoje, produtoras de cinema, escassas de boas ideias, apostam cada vez mais em *graphic novels* para suas adaptações. Mesmo à revelia de Moore, *Watchmen* virou filme nas mãos do cineasta Zack Snyder, que já havia adaptado para as telonas *300*, de Frank Miller. Spiegelman já foi assediado inúmeras vezes por agentes querendo transformar *Maus* em uma animação. O artista americano sempre rejeitou tais ofertas por considerar definitiva a versão em quadrinhos.

Mudança de estação

Mas nem sempre foi assim. As *graphic novels* foram consideradas por muito tempo um gênero menor. O termo apareceu pela primeira vez nos anos 1960, mas já existiam obras que podiam ser enquadradas dentro do gênero, como as histórias de Tintim, criadas pelo belga Hergé, e a série italiana *Corto Maltese*, de Hugo Pratt. O reconhecimento como arte e a popularização do termo vieram com Will Eisner (1917-2005) e seu *Contrato com Deus*, de 1978, publicado no Brasil pelas editoras Abril, Devir e Panini, ao longo das últimas décadas. A obra trouxe quatro histórias com temáticas fortes, como racismo, religiosida-

Reprodução



Alan Moore, autor de *Watchmen*, uma das *graphic novels* mais importantes de todos os tempos, tem dúvidas a respeito do termo *graphic novel*. Para ele, trata-se apenas de marketing.

Reprodução

A exemplo de Alan Moore, Neil Gaiman, outro autor respeitado, criador da série *Sandman*, também desconfia do uso da expressão *graphic novel*. "É como dizer a uma mulher que ela não é uma prostituta, e sim uma 'dama da noite'", diz Gaiman.

CAPA | REPORTAGEM

de e pobreza, desenhadas em preto e branco, de forma a realçar as expressões faciais das personagens.

Nos anos 1980, as *graphic novels* continuaram a impressionar pela experimentação e pela força de suas histórias. Frank Miller reinventou as histórias de super-heróis com *O Cavaleiro das Trevas*, título no qual retrata um Batman envelhecido e um Superman alienado, um marionete patriótico nas mãos da administração Reagan. Ele ainda fez *Batman Ano Um*, inspiração de Christopher Nolan para a mais nova trilogia do morcego no cinema, aclamada pela crítica.

A década de 1980 ainda viu obras como *V de Vingança*, escrita por Alan Moore e ilustrada por David Lloyd. A história de um homem que luta sozinho contra um governo fascista e despótico entrou para a história da cultura pop, após virar filme em 2006. A máscara do personagem V se transformou em símbolo do grupo de hackers Anonymous, e foi utilizada nas manifestações de junho de 2013 no Brasil, que protestaram contra a corrupção.

Histórias menos conhecidas, como *Estrada para a perdição*, sem super-heróis ou cenários distópicos, também foram adaptadas para o cinema. Protagonizada por Tom Hanks, narra a saga de um assassino profissional que precisa proteger seu filho, testemunha de um crime cometido pela máfia. O filme teve seis indicações ao Oscar, incluindo melhor ator coadjuvante (Paul Newman), melhor direção de arte e melhor fotografia.

Persépolis, da iraniana Marjane Satrapi, revelou ao mundo a rotina dos jovens sob o regime teocrático dos aiatolás. Publicada em 2000 nos Estados Unidos, virou animação em 2007, também com a participação de Satrapi.

Reprodução

A iraniana Marjane Satrapi é autora da *graphic novel Persépolis*, que revelou ao mundo a rotina dos jovens sob o regime teocrático dos aiatolás. Publicada em 2000 nos Estados Unidos, virou animação em 2007, com a participação da própria Marjane.

Mais recentemente, *Walking Dead*, de Robert Kirkman, foi transformada em uma série de sucesso em todo o mundo, ao mostrar uma epidemia que transforma a maioria da população em zumbi. O argumento batido serve de pano de fundo para esmiuçar as relações humanas em tempos de exceção.

Produção nacional

No Brasil, os romances gráficos estão vivendo um grande momento. Várias editoras estão apostando em autores nacionais, como as gigantes Companhia das Letras e Panini. Em 2012, a Companhia das Letras reeditou em apenas um volume *Diomedes*, de Lourenço Mutarelli. Publicado pela primeira vez pela Devir, em 1999, a saga do detetive foi uma das primeiras *graphic novels* nacionais a cativar o público e se tornar objeto de adoração cult.

Mutarelli é um quadrinista experiente, mas também escritor, autor de obras como *O cheiro do ralo*. Sem querer, antecipou uma prática que se tornaria tendência nos anos 2000 e 2010: a de escritores jovens, afeitos à cultura pop, portanto familiarizados com a linguagem dos quadrinhos, produzindo roteiros para *graphic novels*.

Rafael Coutinho, desenhista e filho do cartunista Laerte, e o escritor Daniel Galera, autor de *Cordilheira* e do aclamado *Barba ensopada de sangue*, produziram uma das principais obras do período. *Cachalote*, com mais de 300 páginas, trouxe como marcas registradas os diálogos cheios de referências de Galera e ao mesmo tempo um rit-

Reprodução

Graphic novel no imaginário: *V de Vingança*, (*V for Vendetta*), escrita por Alan Moore e ilustrada por David Lloyd, apresenta um homem que luta contra um regime fascista e despótico. Após virar filme em 2006, a máscara do personagem V foi utilizada nas manifestações de junho de 2013 no Brasil.

mo ágil impresso pelo desenho de Coutinho, coautor do livro.

Em entrevista ao site da *Veja*, Galera resumiu com precisão as semelhanças entre a narrativa do romance e da *graphic novel*. "O romance e a *graphic novel* representam coisas muitos parecidas nos domínios da prosa e dos quadrinhos, respectivamente — histórias de maior fôlego, com personagens e cenários bem variados, muitas vezes com vários protagonistas, permitindo uma construção lenta e elaborada da narrativa, e também abrindo espaço para experiências com a linguagem", afirmou.

Já uma das diferenças, segundo Galera, "é que, no caso de uma HQ (História em Quadrinhos), a concepção visual do personagem pesa bem mais, enquanto na literatura essa aparência pode ser apenas insinuada ou até mesmo omitida, deixando muita coisa para a imaginação do leitor." Outra diferença é que, trabalhando em conjunto, a criação dos personagens e dos enredos se torna colaborativa. "A gente colocou as ideias de cada um na mesa de bar e fomos trabalhando em cima dessas faíscas iniciais em várias reuniões, desenvolvendo os personagens que os dois acreditavam ter mais potencial e descartando os que não pareciam tão promissores", diz Galera.

O processo de confecção é totalmente diverso do de um romance tradicional. "Depois de várias reuniões com muitas anotações e esboços, nas quais criamos os personagens e as histórias, eu escrevi uma primeira versão literária do roteiro, colocando as histórias em detalhes no papel. Fomos formatando isso num roteiro mais técnico, apropriado às HQs, com separação por páginas e quadrinhos, e com isso fomos também reinventando as histórias e acrescentando coisas. A partir do roteiro técnico, o Rafa desenhou storyboards de todo o livro, e nessa etapa também modificamos muito o material, o que me forçou a mexer o tempo todo no roteiro. Por fim, com storyboards de todo o livro e um roteiro definitivo, as páginas foram sendo finalizadas pelo Rafa."

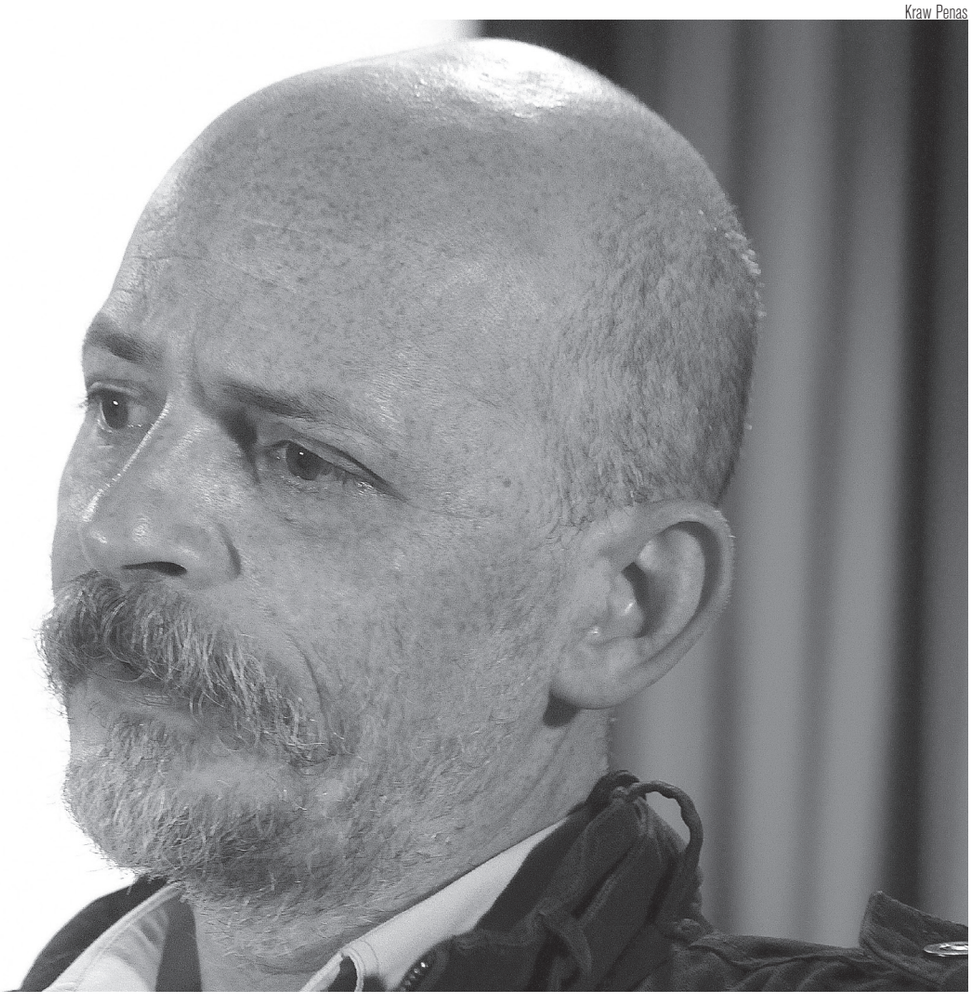
Outro escritor da nova geração da literatura brasileira a mergulhar no mundo dos romances gráficos foi Joca Reiners Terron. Seu livro *Guia de ruas sem saída* é experimental ao extremo, ao misturar texto e ilustrações, estas criadas pelo curitibano André Ducci. "As imagens foram pensadas para remeter às narrativas visuais de alguns artistas gráficos pioneiros no assunto, como Frans Masereel e Otto Nückel, que apresentei ao Ducci como referências. Esses artistas produziram narrativas sem palavras entre os anos 1920 e 1940 do século passado. A linguagem deles se baseava na xilogravura e era influenciada pelo cinema mudo, principalmente filmes expressionistas alemães", explica.

O uso de referências cinematográficas é outra característica desses autores. Publicado pela primeira vez na língua inglesa, o romance *Barba ensopada de sangue*, de Galera, recebeu uma crítica elogiosa no *New York Times* na edição do dia 19 de janeiro, que, entre outras coisas, destacou a semelhança do trabalho do escritor gaúcho com as histórias dos irmãos Coen, autores de filmes como *O grande Lebowski* e *Onde os fracos não têm vez*.

▸▸

CAPA | REPORTAGEM

Kraw Penas



Lourenço Mutarelli é um quadrinista experiente, também escritor, autor de obras como *O cheiro do ralo*. Antecipou uma prática que se tornaria tendência nos anos 2000 e 2010: a de escritores jovens, afeitos à cultura pop, portanto familiarizados com a linguagem dos quadrinhos, produzindo roteiros para *graphic novels*.

Nas bancas

O Brasil tem visto um fenômeno interessante acontecer nos últimos anos: a popularização das *graphic novels* nacionais de maneira sem precedentes, talvez só semelhante ao que acontece na França e nos Estados Unidos. Tudo isso está calcado na popularidade dos personagens da Turma da Mônica. Em 2009, Sidney Gusman, responsável pelo planejamento editorial da Mauricio de Sousa Produções, iniciou o projeto MSP 50, uma série de quatro *graphic novels* nas quais artistas nacionais fizeram uma releitura dos personagens clássicos da Turma da Mônica — uma forma de homenagear os 50 anos de carreira de Mauricio de Sousa.

Desde então, ao ritmo de quase uma obra nova a cada quatro meses, sempre mirando o público juvenil-adulto, as *graphic novels* estrelando personagens da Turma da Mônica se tornaram um sucesso. A fórmula, criada por Gusman, é escolher o artista nacional mais adequado para determinado personagem. Já foram publicadas histórias do Chico Bento enfrentando alienígenas (Gustavo Duarte), do Astronauta em uma trama existencialista e até um pouco sombria (Danilo Beyruth), e da gênese do Bidu (Eduardo Damasceno e Luís Felipe Garrocho). E todas estão à venda em bancas — além, é claro, das livrarias.

"O Mauricio é o rei da banca. A gente quer mais leitor e mais leitor a gente pega na banca. Nos orgulhamos de receber cartas do interior do Piauí, de Goiás, do Paraná. Os números são muito bons. Todas as *graphic novels* estão em reimpressão", conta, entusiasmado, Gusman. Segundo ele, muitos leitores adultos, que sempre leram quadrinhos da Turma da Mônica na infância, foram fisgados novamente.

"O Mauricio enxergou que era uma ampliação de público. Não existiam produtos para o leitor adulto. Tem gente que me encontra e diz: 'Vocês me fizeram voltar a ler quadrinhos depois de 20, 30 anos'", afirma Gusman.

Em breve, uma nova fornada de *graphic novels* deve ser lançada com outros personagens, como Penadinho, Turma da Mata (feita por Arthur Fugita e Roger Cruz, que desenhou nos Estados Unidos X-Men e Batman), Papa-Capim (Marcela Godoy e Renata Guedes) e o Louco (por Rogério Coelho).

Gusman ressalta que a série MSP 50 se transformou numa grande vitrine para os artistas brasileiros que antes eram desconhecidos do público. "Os autores brasileiros independentes estão aproveitando. Os caras estão vendendo a rodo. Ainda tem muito pra melhorar. Mas a distância pros quadrinhos internacionais diminuiu."

Clássicos da literatura

Uma obra semelhante na concepção foi organizada pelo americano Russ Kick. Ele recrutou ao longo dos anos desenhistas famosos, como Robert Crumb, para ilustrar clássicos da literatura uni-

Divulgação

Kraw Penas

Considerada uma das mais bem-sucedidas *graphic novels* made in Brasil, *Cachalote* é fruto da parceria entre o escritor Daniel Galera, (à esquerda) e o desenhista Rafael Coutinho (à direita). Com mais de 300 páginas, *Cachalote* trouxe como marcas registradas os diálogos cheios de referências de Galera e ao mesmo tempo um ritmo ágil impresso pelo desenho de Coutinho.

versal, e reuniu tudo em 180 obras divididas em três volumes.

Do épico babilônico *A epopeia* de Gilgamesh a *Graça infinita*, de David Foster Wallace, passando por Shakespeare e Dante Alighieri, os clássicos foram adaptados com extremo zelo. O tradutor de *A epopeia de Gilgamesh*, por exemplo, chegou a estudar a escrita cuneiforme e aprendeu a ler um terço dos símbolos do silabário assírio.

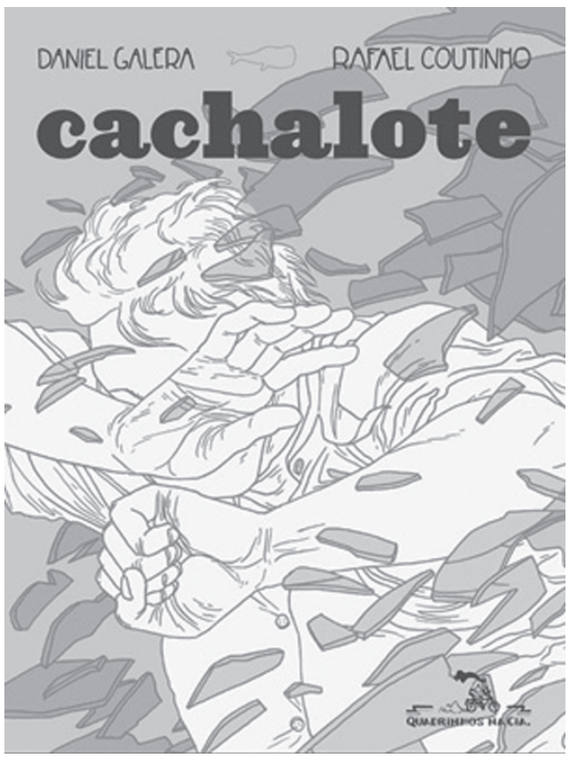
"Percebi a enorme quantidade de adaptações literárias em quadrinhos que havia sido publicada nos últimos anos. Meu instinto de antologista se aguçou. Eu precisava reunir o melhor do que já havia sido feito, encomendar novas adaptações e pôr tudo aquilo num lugar só", conta Kirk. "A ideia parecia óbvia, mas ninguém a tivera ainda: criar um livro da espessura de um tijolo que abrangesse séculos, países, línguas e gêneros. E incluísse romances, contos, poemas, peças, autobiografias, discursos e cartas, além de obras científicas, filosóficas e religiosas."

Embora esteja ciente do batido discurso de que essas adaptações são uma porta de entrada para os clássicos originais, Kirk deixa claro: "é uma obra artística e literária independente, um fim em si." Para quem conhece a força das *graphic novels*, não é novidade. ■

ROMANCES GRÁFICOS

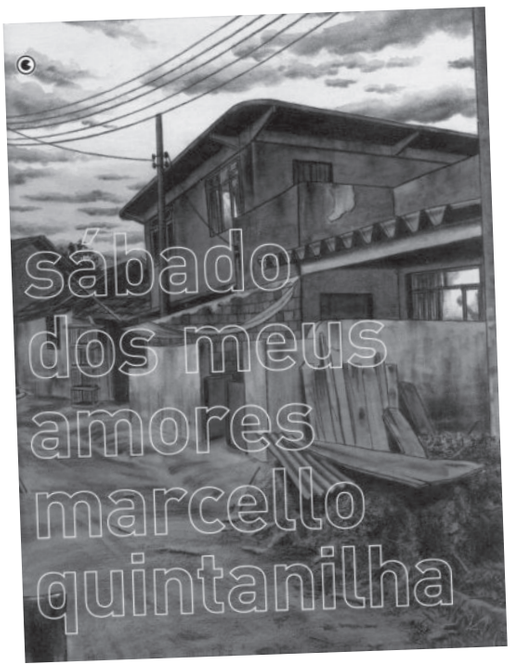
Cachalote

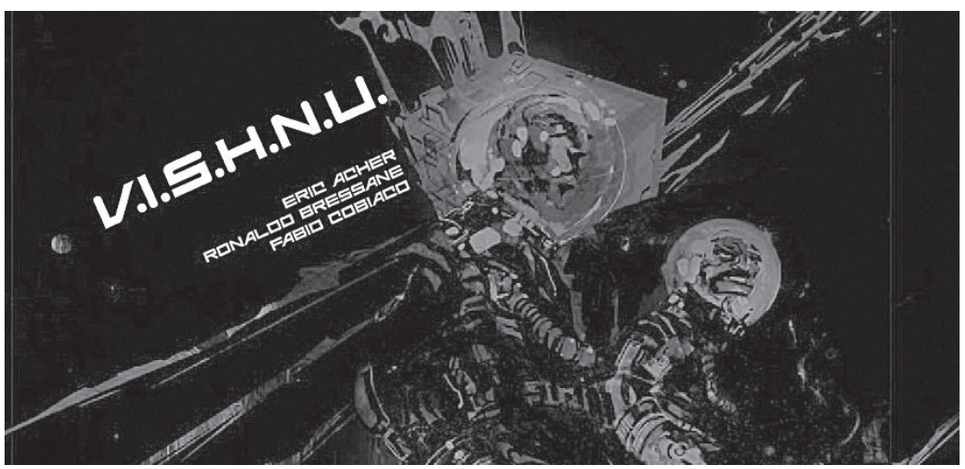
Daniel Galera e Rafael Coutinho (Quadrinhos na Cia, 2010)
Nesta obra com mais de 300 páginas, o texto de Daniel Galera ganha as ilustrações de Rafael Coutinho em histórias que se cruzam através de acontecimentos drásticos ou misteriosos, numa tentativa de manter vivos o amor e o afeto em relacionamentos conturbados.



Sábado dos meus amores

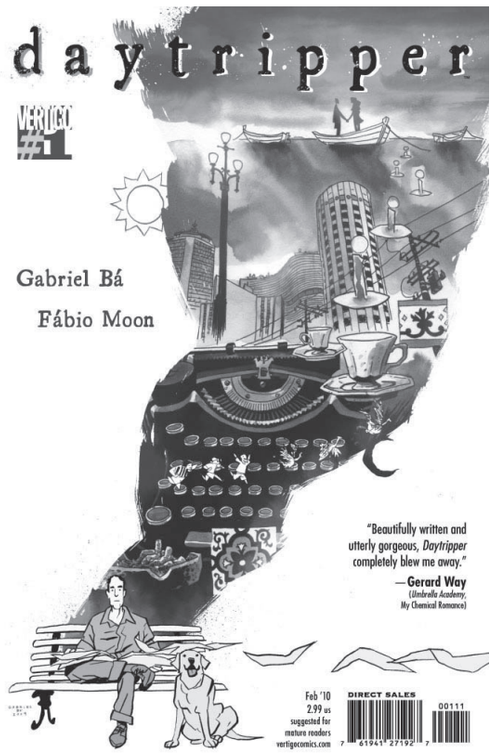
Marcello Quintanilha (Conrad, 2009)
Sábado dos meus amores é resultado do encontro entre o desenho e a crônica. No livro, o quadrinista Marcello Quintanilha aborda questões comezinhas, tão caras à crônica brasileira, transpondo-as ao universo pop dos quadrinhos.





V.I.S.H.N.U.

Ronaldo Bressane, Fabio Cobiaco e Eric Acher (Quadrinhos na Cia, 2012)
Num futuro distópico, a sociedade torna-se extremamente dependente da computação e da inteligência artificial. Após colapsos nos sistemas operacionais, o mundo vê a confiança nas máquinas abalada. Com argumento original de Eric Acher, consultor e investidor em empresas de tecnologia, roteiro do escritor e jornalista Ronaldo Bressane e quadrinhos em preto-e-branco do artista e ilustrador Fabio Cobiaco, *V.I.S.H.N.U.* levou cinco anos para ser concluído.



Daytripper

Fábio Moon e Gabriel Bá (Vertigo, 2010)
Originalmente lançada fora do Brasil pela Vertigo, *Daytripper* é dividida em dez capítulos que retratam diferentes maneiras em que Brás de Oliva Domingues perde a vida. O final de cada capítulo é acompanhado por um obituário, escrito pelo protagonista. A HQ dos gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bá foi muito bem recebida, tendo recebido os prêmios Eisner e Harvey.

Astronauta – Magnetar

Danilo Beyruth e Cris Peter (Graphic MSP, 2010)
Primeiro HQ da série que faz releituras sobre personagens clássicos da Turma da Mônica, *Astronauta — Magnetar* é uma história de ficção-científica sobre o personagem Astronauta, que viaja há anos sozinho em sua nave. Em uma de suas viagens a uma galáxia distante, ele visita um magnetar, uma estrela de nêutrons que possui um campo magnético muito potente. Após cometer um erro, com sua nave danificada e sem comunicação, Astronauta se transforma em um náufrago do espaço, à mercê da própria mente e insanidade.

Vigor Mortis Comics

Paulo Biscaia, DW Ribatski e José Aguiar (Zarabatana Books, 2011)
Apesar de fazer parte de uma série multimídia da companhia curitibana *Vigor Mortis*, os quadrinhos podem ser lidos de modo autônomo. E seguem a linha das produções teatrais e cinematográficas da Companhia de Paulo Biscaia, com histórias repletas de violência, morte, terror e humor negro. São oito histórias, com roteiros de Paulo Biscaia e José Aguiar, que divide as ilustrações com DW Ribatski.

ROMANCES GRÁFICOS

Persépolis

Marjane Satrapi (Quadrinhos na Cia, 2007)
Persépolis é uma autobiografia que relata a vida de uma menina iraniana que, aos 10 anos, se vê obrigada a usar o véu islâmico. Os conflitos que ela enfrenta crescendo sob a égide do islã e as mudanças de paradigma da adolescência são a matéria-prima da obra. A HQ mostra o início do período em que o Irã passou a ser governado pelo regime xiita, retratando mais um episódio da opressão do povo persa.

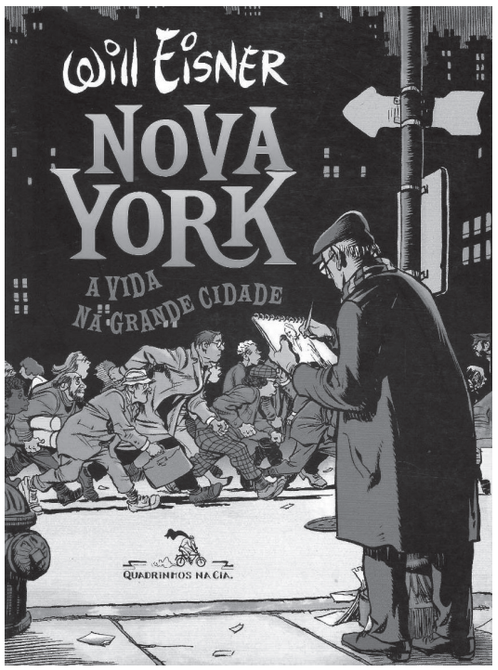
Prontuário 666: os anos de cárcere de Zé do Caixão

Samuel Casal e Adriana Brunstein (Conrad, 2008)
Prontuário 666 é a história em quadrinhos que precede o filme *Encarnação do demônio*, lançado em 2008. Com o traço sombrio de Samuel Casal, *Prontuário 666* atualiza o personagem e cria uma nova forma de terror em quadrinhos. A história se passa durante os 40 anos em que Zé do Caixão esteve preso — desde 1968, logo após o clássico filme *Esta noite encarnarei no teu cadáver* até a estreia de *Encarnação do demônio*. O livro tem argumento e co-roteiro de Adriana Brunstein.

Deus, essa gostosa

Rafael Campos Rocha (Quadrinhos na Cia, 2012)
Em *Deus, essa gostosa*, Rafael Campos Rocha leva o leitor a acompanhar sete dias na vida de Deus, em sua forma favorita: uma negra sexy, fã de futebol e cerveja, amiga de Karl Marx e Bakunin, casada com o Carlos, dona de um sex shop e que sonha em pegar o diabo.

ADAPTAÇÕES

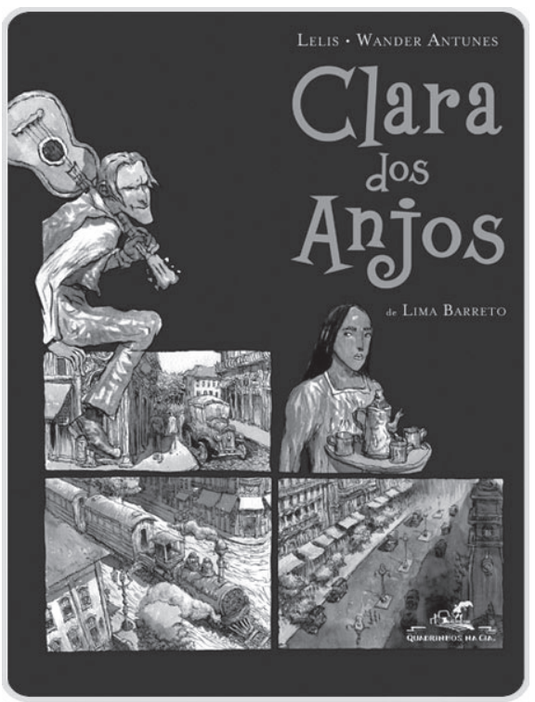


Nova York

Will Eisner (Quadrinhos na Cia, 2012)
Protagonizados por personagens singulares, as histórias reunidas neste livro registram momentos às vezes irônicos, às vezes trágicos, da vida dos habitantes da metrópole, revelando muito mais do que "um acúmulo de grandes edifícios, grandes populações e grandes áreas". *Nova York: A grande cidade e Caderno de tipos urbanos* são compostos de vinhetas que registram, a partir do cenário da cidade, aspectos do dia a dia de seus habitantes.

***Os sertões: A luta*, de Euclides da Cunha**

Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa (Desiderata, 2010)
Ilustrado por Rodrigo Rosa e roteirizado por Carlos Ferreira, *Os sertões: a luta* recebeu o prêmio HQ Mix de melhor adaptação, em 2010. A HQ conta a história da Guerra de Canudos, retratada na obra de Euclides da Cunha, lançada em 1902, passando pelo diário do autor e também por outras fontes sobre o conflito.



***Clara dos anjos*, de Lima Barreto**

Adaptação Lelis e Wander Antunes (2011, Quadrinhos na Cia.)
Clara dos anjos é um romance reconhecido por mostrar com fidelidade o subúrbio carioca, com suas mazelas e tristezas, e apresentar um dos ambientes mais vivos do Rio de Janeiro. Esta adaptação condensa a intensidade da trama aliando-a a gravuras que recriam o ambiente em que a história se passa.

ADAPTAÇÕES

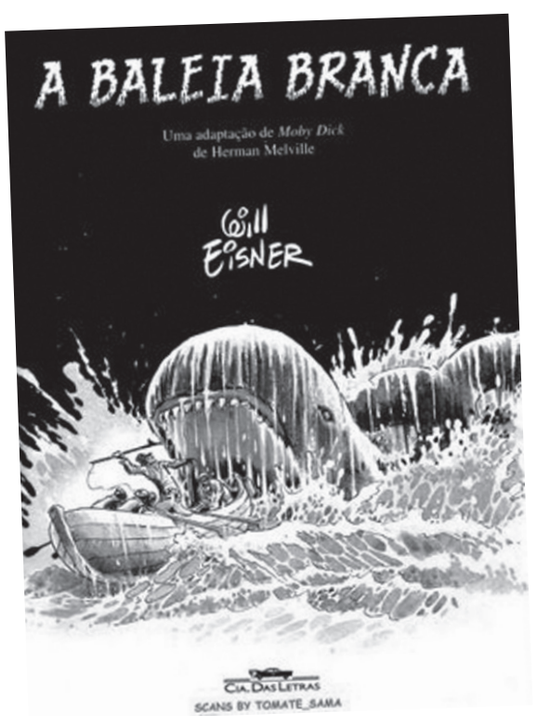
Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa

Rodrigo Rosa e Eloar Guazzelli (Biblioteca Azul, 2014)
Eloar Guazzelli encarou a tarefa de adaptar para os quadrinhos o clássico maior de João Guimarães Rosa, livro de prosa poética e sintaxe inovadora. Guazzelli preserva a prosa do escritor mineiro em seu roteiro, como as falas dos sertanejos. As ilustrações são de Rodrigo Rosa, que tem outras importantes adaptações de clássicos da literatura brasileira no currículo. Em 2009, lançou uma HQ de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e, em 2011, de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

O pagador de promessas, de Dias Gomes

Eloar Guazzelli (Editora Agir, 2002)
Nesta HQ, o famoso teatro de Dias Gomes ganha ilustrações. Para cumprir sua promessa a Santa Bárbara, por esta ter lhe salvado o burro, Zé-do-burro viaja do interior da Bahia até Salvador carregando uma cruz. No entanto, seu percurso se torna perigoso mediante a sua ingenuidade e a ambição dos que estão ao seu redor.

A baleia branca — uma adaptação de Moby Dick, de Herman Melville



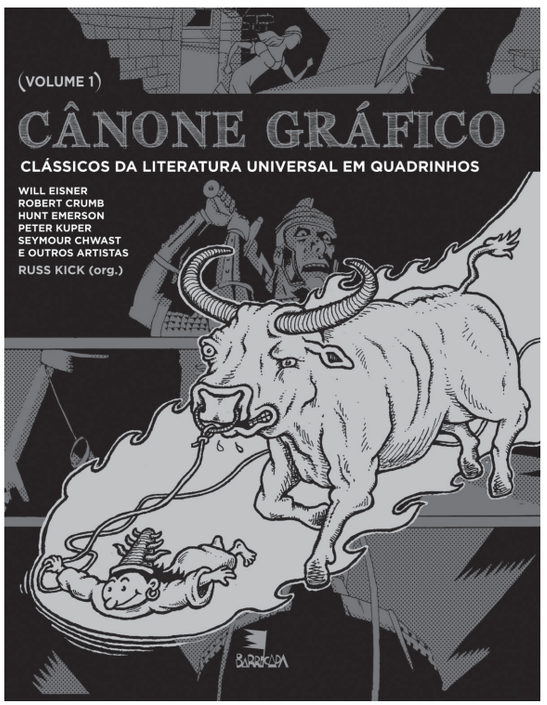
Will Eisner (Quadrinhos na Cia.)
O mestre dos quadrinhos Will Eisner adapta o clássico *Moby Dick*, de Herman Melville (1819-91). Eisner recompõe a obsessão do capitão Ahab em destruir o ser monstruoso que já lhe arrancara uma perna. Sem medir as consequências, Ahab lança-se mar afora para encontrar a grande baleia branca e, nessa busca, arrasta junto a tripulação. Moby Dick, encarnação do mal, encontra a morte, mas é esse também o destino de seus perseguidores.

Dom Quixote, de Miguel de Cervantes

Caco Galhardo (Peirópolis, 2005)
Considerado o primeiro romance moderno da literatura mundial, *Dom Quixote* narra a história do fidalgo Dom Quixote de la Mancha e suas aventuras tresloucadas. O cartunista Caco Galhardo une seu traço à comicidade da obra para criar um quadrinho de humor, com destaque à famosa cena da luta contra os moinhos de vento.

Dom Casmurro, de Machado de Assis

José Aguiar e Wellington Srbek (Nemo, 2013)
A clássica história de Bentinho e Capitu também já ganhou os quadrinhos. O romance de Machado de Assis, publicado originalmente em 1899, tem nesta HQ uma adaptação do roteirista Wellington Srbek, que preserva o texto machadiano, reunindo os 148 capítulos curtos que integram a obra original em 20 partes. O realismo da obra é também transposto nos traços de José Aguiar.



Cânone gráfico: Volume 1

Organização Russ Kick (Selo Barricada, Boitempo Editorial, 2014)
A antologia *Cânone gráfico* reúne talentosos quadrinistas e lendários artistas gráficos, que adaptam grandes clássicos da literatura mundial para HQs. O primeiro volume da trilogia traz releituras de clássicos como *A divina comédia*, de Dante Alighieri, *Sonhos de uma noite de verão*, de William Shakespeare, e *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Organizada pelo escritor Russ Kick e lançada originalmente nos Estados Unidos em 2012, a obra se consagrou como uma bíblia para aqueles que se interessam por quadrinhos. ■

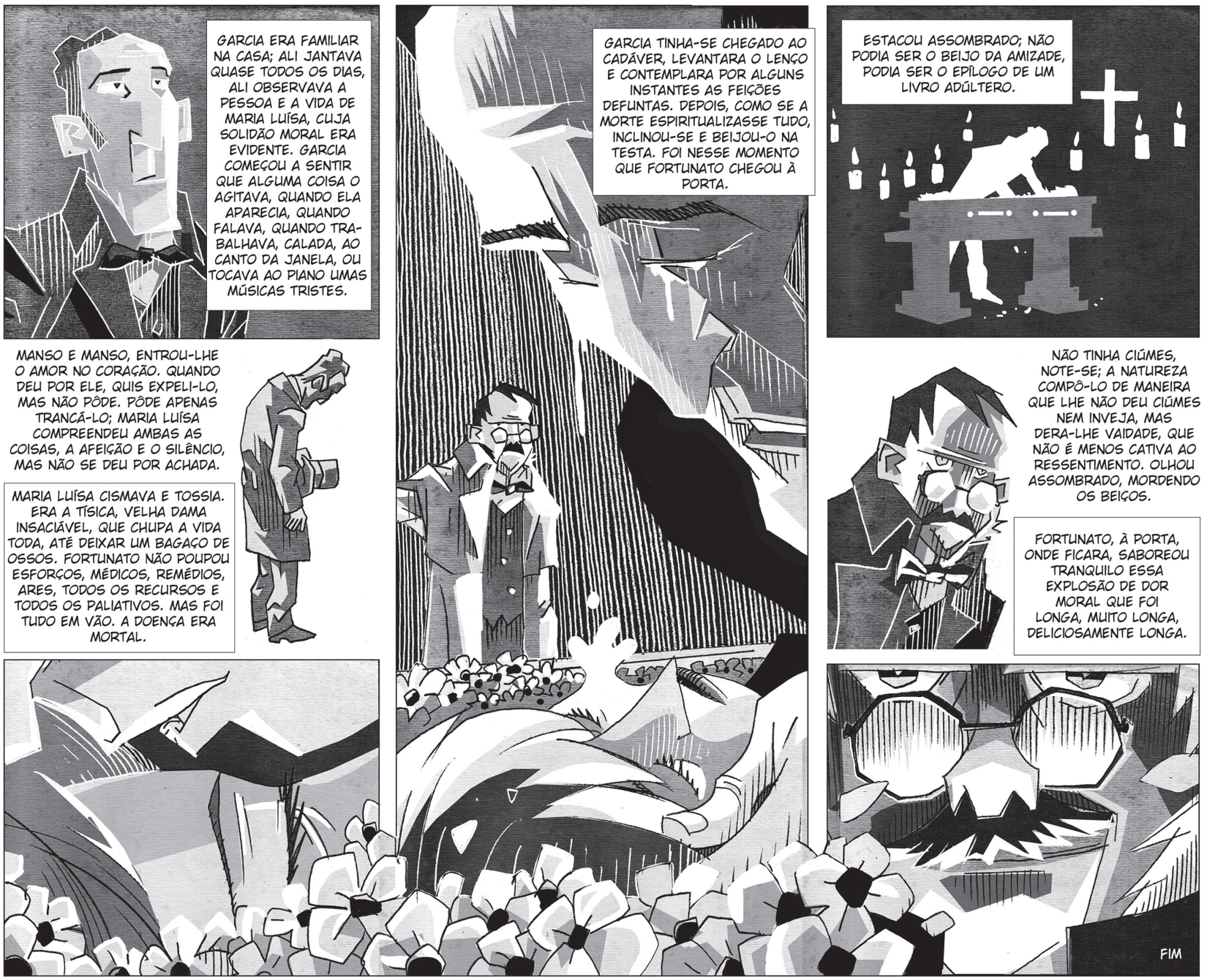
CAPA | CRISTOVÃO TEZZA POR DW RIBATSKI

Um dos livros mais importantes da carreira de Cristovão Tezza, *Trapo* apresenta a história de um jovem poeta que se suicida, deixando como espólio mil páginas de originais. O material cai nas mãos do professor aposentado Manuel, que decide investigar a vida e os motivos do suicídio de Trapo. Publicado pela Editora Brasiliense em 1988, o livro ganhou reedição em 2007 pela editora Record.

DW Ribatski nasceu em Curitiba e vive atualmente em São Paulo. É quadrinista, ilustrador e artista plástico. Nas HQs, publicou *Campo em branco* (Quadrinhos na Cia, 2013), *Como na quinta série* (Balão Editorial, 2012) e *Vigor Mortis* (Quadrinhofilia/Zarabatana Books, 2011, com José Aguiar e Paulo Biscaia).

CAPA | MACHADO DE ASSIS POR JOSÉ AGUIAR

Publicado pela primeira vez na *Gazeta de Notícias* em 1885, o conto foi mais tarde incluído em *Várias histórias* e é considerado uma das histórias curtas mais emblemáticas escritas por Machado de Assim, que ficou conhecido, sobretudo, por seus romances clássicos. "A causa secreta" também se tornou célebre, com adaptações para o teatro e o cinema, como o longa de mesmo nome filmado por Sérgio Bianchi em 1994.



José Aguiar é artista gráfico e arte-educador. Publica as tiras "Nada com coisa alguma" no jornal *Gazeta do Povo*. É um dos criadores e curadores do Cena HQ, evento que realiza leituras dramáticas de HQs no Teatro da Caixa, em Curitiba. Aguiar, junto com o roteirista Wellington Srbek, adaptou o romance Dom Casmurro para a linguagem das HQs. Vive em Curitiba.

CAPA | IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO POR ARNALDO BRANCO

Publicado originalmente na Itália, em 1974, após ter sido recusado por várias editoras brasileiras, *Zero* é um romance anárquico que mistura gêneros e linguagens, flertando, inclusive, com os quadrinhos. A história de José e Maria, figuras à margem da sociedade, serviu de mote para Ignácio de Loyola Brandão falar sobre temas como liberdade de expressão em uma época de repressão.

Arnaldo Branco é cartunista e jornalista. Publica suas tiras no blog Mau Humor e também a tira "Mundinho Animal", no G1. Já adaptou para os quadrinhos a peça *O beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues. Nasceu e vive no Rio de Janeiro.

CAPA | DALTON TREVISAN POR FABIANO VIANNA

Clássico entre as muitas histórias geniais de Dalton Trevisan, "Uma vela para Dario" se tornou inesquecível para os leitores do Vampiro, mesmo após mais de 50 anos de sua publicação. A história foi publicada originalmente em 1964, em *Cemitério de elefantes*, a segunda coletânea de contos de Trevisan.

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem que fizesse um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delícias da noite. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados - com vários objetos - de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Vários pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo - os bolsos vazios. Restava a aliança de ouro na mão esquerda, que ele próprio - quando vivo - só podia destacar umedecida com sabonete. Ficou decidido que o caso era com o rabecão.

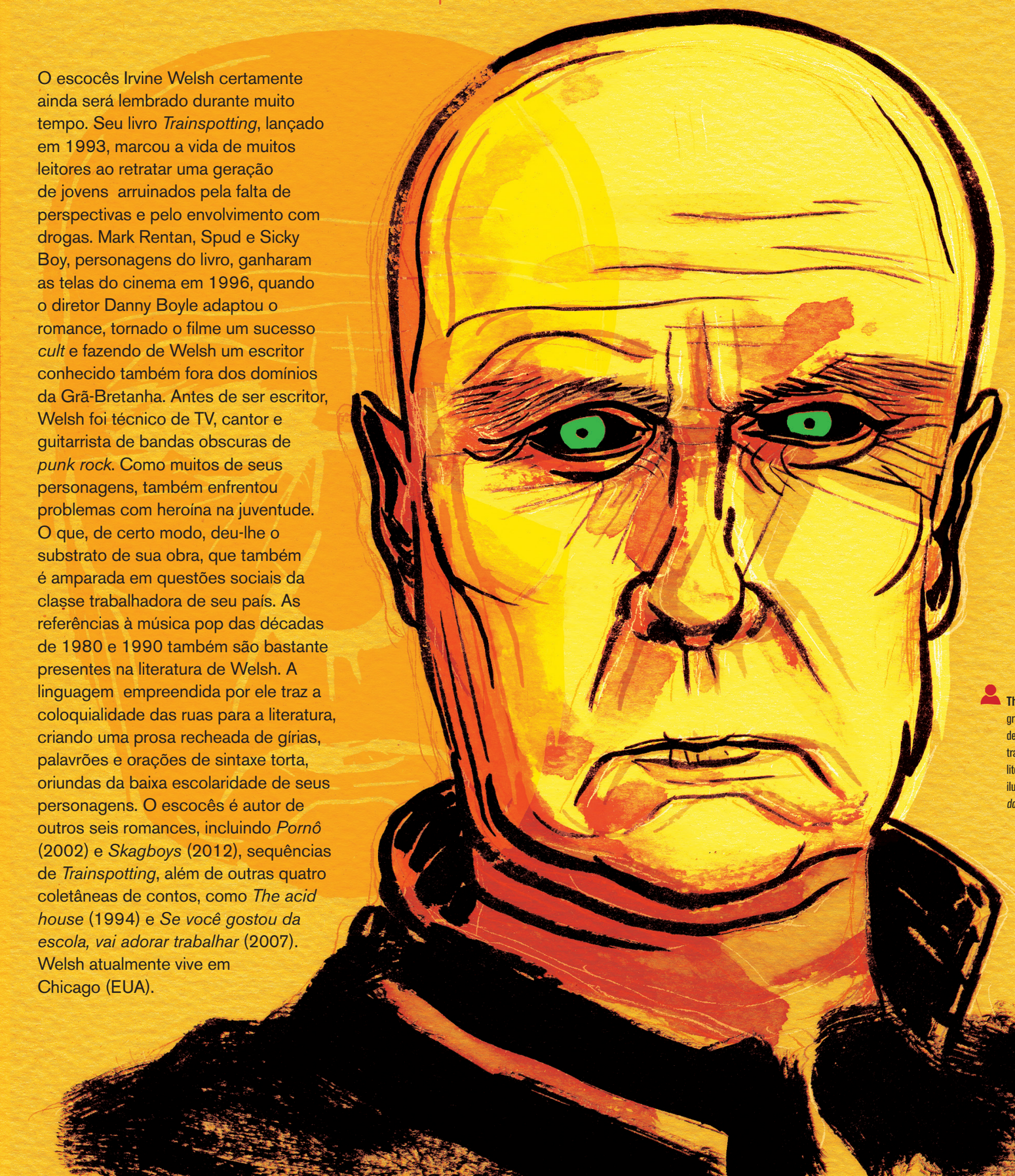
A última boca repetiu - Ele morreu, ele morreu. A gente começou a se dispersar. Dario levara duas horas para morrer, ninguém acreditou que estivesse no fim. Agora, aos que podiam vê-lo, tinha todo o ar de um defunto.
Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça. Cruzou as suas mãos no peito. Não pôde fechar os olhos nem a boca, onde a espuma tinha desaparecido. Apenas um homem morto e a multidão se espalhou, as meses do café ficaram vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do cadáver. Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.
Fecharam-se uma a uma as janelas e, três horas depois, lá estava Dario à espera do rabecão. A cabeça agora na pedra, sem o paletó, e o dedo sem a aliança. A vela tinha queimado até a metade e apagou-se às primeiras gotas da chuva, que voltava a cair.

Fabiano Vianna é formado em arquitetura e urbanismo, trabalha como designer, ilustrador e roteirista. Foi o criador e editor da revista *Lama*, dedicada à literatura *pulp*. Desde 2013 integra o projeto "Croquis Urbanos Curitiba". Nasceu e vive em Curitiba.

RETRATO DE UM ARTISTA | IRVINE WELSH

O escocês Irvine Welsh certamente ainda será lembrado durante muito tempo. Seu livro *Trainspotting*, lançado em 1993, marcou a vida de muitos leitores ao retratar uma geração de jovens arruinados pela falta de perspectivas e pelo envolvimento com drogas. Mark Rentan, Spud e Sicky Boy, personagens do livro, ganharam as telas do cinema em 1996, quando o diretor Danny Boyle adaptou o romance, tornado o filme um sucesso *cult* e fazendo de Welsh um escritor conhecido também fora dos domínios da Grã-Bretanha. Antes de ser escritor, Welsh foi técnico de TV, cantor e guitarrista de bandas obscuras de *punk rock*. Como muitos de seus personagens, também enfrentou problemas com heroína na juventude. O que, de certo modo, deu-lhe o substrato de sua obra, que também é amparada em questões sociais da classe trabalhadora de seu país. As referências à música pop das décadas de 1980 e 1990 também são bastante presentes na literatura de Welsh. A linguagem empreendida por ele traz a coloquialidade das ruas para a literatura, criando uma prosa recheada de gírias, palavrões e orações de sintaxe torta, oriundas da baixa escolaridade de seus personagens. O escocês é autor de outros seis romances, incluindo *Pornô* (2002) e *Skagboys* (2012), sequências de *Trainspotting*, além de outras quatro coletâneas de contos, como *The acid house* (1994) e *Se você gostou da escola, vai adorar trabalhar* (2007). Welsh atualmente vive em Chicago (EUA).



Theo Szczepanski é ilustrador e artista gráfico. Formado em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, trabalha com material didático e de literatura, HQ e jornal. Durante 8 anos ilustrou matérias diariamente no *Jornal do Estado*, em Curitiba (PR), onde vive.